PARA·TODOS...
ANNO XII · NUM. 583
15 · FEVEREIRO
1930
PREÇO 1$

provocados pelos incommodos mensaes das senhoras são rapidamente alliviados com

Cafiaspirina

Este admiravel preparado de BAYER acalma rapidamente as dores, e restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

Mesmo os organismos mais delicados podem tomar CAFIASPIRINA com toda a confiança, pois ella

NAO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

EM 1654, Christina contava trinta e tres annos. Olhos azues, faces pallidas, nariz "de consul romano", traços regulares, porém, muito pronunciados, e uma viva expressão de intelligencia e altívez animam esta physionomia.

A rainha odeia os espelhos e as mulheres, as suas "toilettes" são excentricas, ora sumptuosas, ora simples, mas sempre extravagantes.

Por cima de ridicula peruca usa um grande chapéo com pennacho vermelho, ou um "bonnet" de velludo com "aigrettes". Quasi sempre o seu casaco é escarlate com "boldrié" e espada, a saia cor de cinza, muito curta e com enfeites de ouro. Gosta das plumas e fitas côr de fogo.

Para montar a cavallo, e para passear a pé usa botas de homem. Ri e jura ruidosamente. Na "Comedie" repete em voz alta os versos que mais lhe agradam, deita-se na poltrona e joga as pernas de um lado para o outro.

Seu maior desejo é achar-se envolvida em qualquer batalha. Sem fadiga apparente, póde cavalgar dez horas seguidas e depois dormir no chão. Adora a caça e possue um golpe de vista tão certo, que abate, a cincoenta passos de distancia, uma lebre que foge.

Em summa, essa convertida sem fé, essa rainha sem reino, essa prodiga sem capitaes, não inspira mais confiança.

Apezar de suas dividas, não deixa de pensar — tal é o gosto que tem pelas aventuras — na conquista de Napolis. E, se pela segunda vez voltou á França, e hospedou-se em Fontainebleau, foi com a esperança de obter subsidios militares e soccorros materiaes. Pensa fazer de Luiz XIV seu alliado e seu banqueiro.

Sua Majestade Sueca habita a prisão do Castello.

Das suas janellas avista os fossos e os pombos do burgo, tem á sua disposição sómente quatro apartamentos.

Esses aposentos nada teriam de reaes, se por compensação não lhe tivessem franqueado a longa galeria "dos veados", illuminada por arcadas envidraçadas e adornadas de "vues cavalières", florestas e habitações dos reis da França, e ainda guarnecidas de quarenta e tres cabeças de veados "em madeira natural".

Muitos criados estão ao serviço da rainha.

Christina escolheu para grande escudeiro, o marquez Monaldeschi della Cervara, joven de nobre familia, e, igualmente alistou como capitão de suas guardas, um outro gentil-homem italiano, Sentinelli, cuja graça e elegancia encantaram-n'a em um baile em Pesaro.

Os dois favoritos não se estimavam. Monaldeschi, dizem, havia preparado não só cartas anonymas, cheias de revelações ultrajantes para a rainha, como tambem documentos revelando o segredo do attentado contra Napolis.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$600; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Christina em Fontainebleau

O marquez esperava sem duvida perder Sentinello, attribuindo-lhe esses autos de traição.

Prevenida, Christina conseguiu apprehender esses papeis.

Eis ahi o enredo da intriga cujo desfecho vamos contar.

—

Segunda-feira, 5 de Novembro de 1657, o padre Le Bel, Superior do Convento da Sainte-Trinité de Fontainebleau, foi chamado á prisão do Castello.

Ali Sua Majestade Sueca, depois de obter o juramento do bom religioso, entregou-lhe um maço de papeis sellados. O padre prometteu voltar á primeira chamada, e devolver tudo "na presença de quem ella lhe designasse".

Sabbado, 10 de Novembro, a 1 hora depois do meio dia, a rainha mandou procurar o padre Le Bel. Elle chega trazendo os papeis sellados.

Um pagem, com todas as precauções, o conduz pela porta da torre, á galeria dos Veados.

Christina ali se achava com Monaldeschi, seu grande escudeiro, Sentinelli, capitão de suas guardas, e dois guardas, Pal e Sambesi.

O padre não havia ainda terminado os cumprimentos, e já a rainha pedia o deposito que lhe confiára.

Após demorado exame, abre-o, toma cartas e papeis, fal-os ver, e depois ler a Monaldeschi.

"Não reconheceis estes papeis?" — perguntou ella.

São as cópias dos falsos documentos de traição.

O marquez, pallido e tremulo, procura negar.

Christina mostra-lhe então os originaes, chama-o de canalha, e obriga-o a confessar que a letra é a sua.

Monaldeschi desculpa-se, attribue a falta a outros, para depois cahir aos pés da rainha implorando o seu perdão.

Como a um signal convencionado, Sentinelli, Pal e Sambesi desembanham as espadas.

O marquez levanta-se desvairado, procura levar a rainha para um canto da galeria, depois para outro, sempre implorando perdão.

Christina, sem responder, escuta-o friamente, Monaldeschi redobra as supplicas, a rainha volta-se para o padre Le Bel, e toma-o por testemunha.

"Bem vêdes, que dou a este perfido o tempo sufficiente, e mesmo de mais, para se justificar... se elle o puder!"

Essa penosa scena dura mais de uma hora, quando Monaldeschi, por ordem expressa da rainha, tira do bolso varios papeis e duas chaves ligadas uma a outra, e ao mesmo tempo deixa cahir algumas moedas. A rainha percebe que nada mais conseguirá saber do seu grande escudeiro, volta-se novamente para o padre Le Bel.

"Entrego-vos este homem, disse-lhe ella, cuide da sua alma e disponha-o para a morte".

Essas palavras assustaram tanto o religioso como a Monaldeschi. O marquez roja-se aos pés da rainha e o padre Le Bel, tambem de joelhos, junta as suas supplicas ás do accusado.

Christina explica ao religioso que cumulou Monaldeschi de beneficios "que excederam mesmo aos que devia fazer a um irmão". Pensava encontrar nelle o seu mais fiel subdito, contava-lhe os mais importantes negocios, e os mais intimos pensamentos, e elle trahiu a sua confiança.

"E' mais culpavel que aquelles que são condemnados ao supplicio da roda" — accrescentou ella. — "Sua consciencia será o seu carrasco".

Após essas palavras a rainha sae da galeria.

Immediatamente Sentinelli, Pla e Sambesi, aconselhando-o a confessar-se, tocam-lhe fortemente os rins com

as espadas núas. Monaldeschi ajoelha-se diante do padre Le Bel, e pede-lhe que procure a rainha e obtenha o seu perdão.

O religioso promette, ainda uma vez, interceder junto á soberana.

O padre encontra Christina no seu quarto. — "Com lagrimas nos olhos e soluços no coração, supplica-lhe em nome das dôres e chagas de Christo, a graça do marquez".

Com a physionomia severa, a justiceira escuta sem emoção, e ainda uma vez repete, que pelas suas perfidias, o marquez é mais criminoso que todos aquelles que são condemnados ao supplicio da "roda".

Vendo-a insensivel aos seus rogos, o bom padre muda de tom, e aconselha- a tomar cuidado no que vae fazer: "não está em sua casa, e sim na do rei da França".

Calmamente, Christina responde que o rei da França não a recebeu em sua casa como "captiva refugiada". E conclue com arrogancia:

"Sou senhora das minhas vontades para castigar ou perdoar os meus criados em qualquer occasião e em qualquer logar, e, só a Deus presto contas dos meus actos!"

O padre insiste ainda, primeiro adula, depois ameaça um pouco, emfim, faz o que póde para despertar os escrupulos, os temores e a piedade dessa mulher.

Christina não se mostra impressionada, e replica os argumentos um a um, com um pouco de altivez e muito sangue frio.

Finalmente, despede o religioso, sem conceder o perdão.

O padre Le Bel sae tão perturbado, que pensa em fugir, porem, o seu dever aconselha-o a ficar para assistir ao condemnado. Volta á galeria e "usando das mais suaves palavras que a graça de Deus lhe inspira, annuncia ao marquez que deve preparar-se para morrer".

Monaldeschi solta lancinantes gritos. Entretanto, o padre sentando-se sobre um dos bancos da galeria, o marquez vae ajoelhar-se diante delle e começa a confessar-se. Duas vezes interrompe-se, levanta-se, solta novos gritos, e recomeça a confissão. E' tal a sua perturbação, que fala de seus erros em latim, em italiano e em francez, tudo confundindo.

Nesse momento apparece o capellão da rainha. Logo, sem esperar a absolvição, Monaldeschi corre para o recemchegado, toma-lhe as mãos, arrasta-o e fala-lhe em voz baixa com agitação.

Commovido, sinão convencido, o capellão sae levando Sentinelli. Mas Sentinelli pouco depois volta só:

"Marquez, disse por sua vez, peça perdão a Deus, pois, sem perda de tempo, é preciso morrer".

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia, Central 0518; Escriptorio, Central 1037; Redacção, Central 1017; Officinas, Villa 6247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Charles Foleÿ

Pronunciando essas palavras, o capitão das guardas, com a ponta ameaçadora da espada, empurra Monaldeschi até o fundo da galeria.

O religioso afasta-se com horror, pois, Sentinelli acaba de dar no marquez um golpe no estomago. Para aparar o golpe, o desgraçado aperta o ferro com a mão, o capitão retirando a lamina corta-lhe tres dedos.

"Elle está armado!" — exclama Sentinelli, que acaba de sentir a resistencia de um corpete de malhas.

Fere então o marquez no rosto.

"Meu pae! meu pae! — geme o infeliz.

O padre Le Bel approxima-se, os guardas da rainha afastando-se, elle consegue amparar o ferido que, com um joelho no chão, coberto de sangue, acaba a confissão, e pede perdão a Deus.

O religioso dá-lhe a absolvição e incita-o, em expiação de suas faltas, a perdoar aquelles que o fazem morrer.

Monaldeschi recae sem forças sobre o lagedo.

Pla dá-lhe um golpe na cabeça que "quebra-lhe os ossos". Deitado sobre o ventre o moribundo faz signal, que, para acabar de uma vez, deseja que lhe cortem a garganta. Tres guardas immediatamente lhe dão novos golpes. Mas o corpete de malhas chegando até a golla do gibão, apara o ferro.

O padre Le Bel continúa a exhortar o moribundo. Nese momento horrivel, Sentinelli, tomado sem duvida de hesitação e de escrupulos tardios, perguntou ao religioso se deve acabar com o ferido. Indignado, o padre responde que elle supplicou "que lhe concedessem a vida e não a morte". O capitão pede desculpas de haver feito tal pergunta.

Ainda uma vez abre-se a porta e apparece o capellão da rainha, Manaldeschi volta-se e avista-o. Este agonisante, que um momento antes implorava o golpe supremo, arrasta-se todo ensanguentado até o retabulo e, subitamente reanimado por louca esperança, agarra-se ás paredes, nellas procura apoio, e erguendo-se, esforça-se para falar.

Os dois padres correm para elle:

"Peça perdão a Deus" — murmurou o capellão.

E com a permissão do padre Le Bel, novamente absolve o marquez, e retira-se.

Bruscamente, Sentinelli volta á carga, e corta a garganta de Monaldeschi, que cae prostrado sobre o ladrilho.

Não tem mais forças para falar. Deante do padre Le Bel, que o exhorta sempre, durante mais de quinze minutos, o desgraçado agonisa, banhado em sangue, e estertorando atrozmente.

A's tres horas e tres quartos expira.

Essa matança durou perto de tres horas.

Sentinelli approxima-se, agita os braços e as pernas do morto. Desabotoa-lhe os calções, a ceroula, e não encontra nos bolsos mais que um pequeno punhal e um pequeno livro de orações á Virgem".

A rainha communicou a Luiz XIV e a seu ministro, o que havia feito. A noticia causou indignação.

Quando, após as censuras, aliás, veladas a proposito do "estranho accidente", Mazarino mandou dizer á Sua Majestosa Sueca, que faria bem, em vista das más disposições do povo, de não se arriscar voltar a Paris, a rainha escreveu imprudentemente ao cardeal:

"Nós outros, os do Norte, somos um um pouco ferozes, porém, de natureza um pouco timida. Encontro muito menos difficuldades em estrangular as pessoas, que as temer. Quanto ao acto que commetti com Monaldeschi, digo-vos, que se não o tivesse feito, praticál-o-ia de qualquer modo, para me sentir tranquilla.

Não vejo razões para me arrepender, e tenho mais de cem mil para estar satisfeita!"

Nem remorsos, nem mesmo pezar.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MLLE. JUVENTUDE (Carangóla) — Tenha a bondade de mandar dizer si o estudo foi feito nesta secção e com o mesmo pseudonymo.

CARLOS EDUARDO (Carangóla) — Letra rapida e sobria, denotando cultura, enthusiasmo, precipitação, actividade, sem excluir um certo equilibrio mental, concatenação de idéas, deducção facil e forte poder de logica. O corte dos tt altos, fortes e longos significam autoritarismo, mandonismo. Economico, polido, leal.

PACO (Rio) — Sua graphia inclinada para a esquerda mostra dissimulação, desconfiança, contensão de espirito. Como é arredondada indica que é bondosa, benevolente, talvez um pouco preguiçosa... Ha signaes ainda de temperamento fantasista e pouco amor á verdade... Nervosismo, impaciencia, pressa, uma preoccupação qualquer lhe perturba o espirito.

CECY (Botucatú) — Letra redondinha e vertical: bondade, doçura, indulgencia, um tantinho de preguiça alliadas á firmeza, energia e força de vontade quando se fazem precisas.

Delicada, fina, muito emotiva, deixa-se levar, ás vezes, pelos sentidos. As linhas ligeiramente ascendentes querem dizer que tem iniciativa, alegria de viver, enthusiasmo, ambição, coragem.

HY (Bello Horizonte) — O que escreveu foi bastante para o estudo. A mudança continua do caracter da sua letra é signal tambem de mudança do seu caracter. E' versatil, inconstante, voluvel, sem deixar de ser bondosa, meiga, indulgente. Um pouco teimosa e com alguns caprichos, por vezes, infantis. O horoscopo das pessoas nascidas a 17 de Junho é este: "Têm exaggerado orgulho da sua familia, seleccionando muito suas amizades. Vivem sempre insatisfeitas comsigo mesmas e com os demais. Têm decidida vocação para a medicina, sendo optimas enfermeiras, apezar de soffrerem por fim do estomago pelos seus excessos á mesa. Ficarão ricas depois dos 35 annos, passando, então a vida a viajar. Casando, serão felizes".

SOTSAB (Pernambuco) — Certos traços sinistrogyros de sua letra indicam egoismo, dureza de coração, amenizados por um ou outro rasgo de bondade. E' firme, energico, cheio de idéas elevadas. O corte vigoroso dos seus tt é a confirmação do que digo e mais de uma certa aggressividade. Tem espirito de ordem e clareza, amor ao luxo e ás grandes viagens. Escreva, como prometteu fazer.

OLHOS VERDES (Rio) — Si bem me recordo, já fiz o estudo da sua letra, que é muito semelhante a de Cecy, de Botucatú, a quem respondo pouco antes. Como pede o horoscopo das pessas nascidas a 5 de Dezembro, aqui vae elle: "São muito amigas de viajar, e por isso vão morrer longe do logar onde nasceram. Dotadas de grande actividade e capacidade de trabalho, lhes faz mal

As creanças que lêm "O Tico-Tico" aprendem a ser homens de bem.

aos nervos ver os preguiçosos. Viverão muitos annos, embora soffrendo de depressão nervosa pelo excesso de energia despendida. Guardarão fidelidade, sendo optimos chefes de familia ou donas de casa".

SAUDADE (Itajubá) — Temperamento irrequieto, de extrema mobilidade, vivendo em constante agitação. Tem ainda imaginação viva e ardente, grandes aspirações e orgulho mesclado de generosidade. Delicada, fina, aristocrata, vaidosa, é dotada de muita sensibilidade. Volubel, inconstante, talvez já tenha esquecido até o "motivo principal" da saudade...

WINNIE STEADMAN (Recife) — Nos autographos que nos mandou, com datas differentes, nota-se a evolução do seu "eu", tomando personalidade mais definida, firmeza, actividade, espirito de ordem e clareza. Ha uma certa bizarria em alguns traços, signal de originalidade, capricho, talvez excentricidade. E', porém, bondosa, meiga, benevolente e mais reservada do que ha tres annos passados em que parece, sentia prazer em confiar seus pensamentos e projectos á primeira pessoa com quem sympathizasse. Intelligente, culta, tem gosto pela literatura e sentimento artistico.

QUARTO-ANNISTA (Rio) — Usando a mesma familiaridade, desejo que sejas hoje Quinto-annista e não mais quarto, como quando me escreveste no anno passado. E's presumpçoso porque dizes te conhecer muito bem, quando ninguem se conhece "muito bem". Julgamo-nos sempre melhores, (os presumpçosos) ou peores (os modestos) do que, realmente somos. Tu és activo, diligente, franco, energico, embora um tanto indeciso ou retardado nas resoluções. Espirito critico e satyrico, ás vezes, mesmo, aggressivo. Um tanto pessimista, não crês na bondade desinteressada, nem no desprendimento, na renuncia alheia. Agora escreve-me, dizendo-me si decahi ou não no teu conceito.

Certamente que sim, pois te julgavas e julgas uma perfeição e eu te disse que não eras tão perfeito como te suppunhas, cumprindo o celebre aphorismo: "Nosce te ipsum".

PLUS ULTRA (Rio) — Sua letra revela sensibilidade, emotividade, impaciencia, nervosismo, agitação. Nota-se mais certa cultura, intelligencia, precipitação, impulsividade. No momento de escrever estava preoccupado, sob a impressão de um desgosto qualquer.

GRAPHOLOGO.

O REI DO CARNAVAL

Como differe o Carnaval de hoje do antigo!

Como dentro da época actual, esta festa outróra bruta e violenta, tornou-se elegante, gentil e civilizada?!

Antigamente a lima de cheiro, a bisnaga e a seringa, no desvario do intrudo, a provocar constipações, resfriados e outras doenças mais graves.

Hoje, o lança-perfume subtil e perfumado, a permittir que todos brinquem sem sujar as roupas leves de verão.

Poucos, entretanto, são os que reconhecem que, todo este progresso, devemol-o principalmente á grande empresa Rhodia Brasileira, cujas usinas de S. Bernardo (S. Paulo), ha tanto vêm estudando o meio melhor e mais pratico de toda gente se distrahir sem se incommodar.

Com tal fito, pois, foi que a Rhodia lançou o Rodo Metallico, lança-perfume que além de não inflammavel, não corre o risco de quebrar-se e deve ser preferido por todas as pessoas de gosto e bôa educação.

E por isso, e com razão, que o Rodo Metallico é considerado o rei do Carnaval.

Blusas

A moda da cintura no logar tambem modificou a blusa, quer usada com "tailleur", quer usada simplesmente com uma saia de "kasha", de crêpe de seda, de setim, de "drap" ou de flanella. Assim, o genero blusão passou inteiramente de moda. Para aproveitar alguns dos que se usaram no anno passado, a melhor maneira é ajustal-os na cintura por meio de "pinces". Mas o que mais se vê são as blusas cobertas pelo coz da saia. Aqui figuram duas blusas para modificar blusões, e duas das mais em uso actualmente. Pannos preferidos: setim lavavel marfim, crêpe lavavel, "georgette", e cambraia de linho muito fino.

Lança Perfume
DE LUXO
RODO
METALLICO
PERFUMES SUAVISSIMOS
Cia CHIMICA RHODIA BRASILEIRA — S. BERNARDO

REALART
Esmalte - Creme -
Agua de Colonia
Gaby
Agua de Colonia Gaby
Creme Gaby
Esmalte Gaby
Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.

Pinturas e Pós não devem offuscar a Belleza Natural da Pelle

ELIZABETH ARDEN bazeia o seu methodo sobre um tratamento scientif'co da pelle, levantando-lhe a saude e clareando-a naturalmente, tonifica e amacia a pelle, sem o emprego de productos prejudic'aes. A todo o momento ELIZABETH ARDEN diz ás suas clientes: "Experimente a senhora não esconder os defeitos da sua pelle, rugas, etc. Trate-a de modo tal que os defeitos da belleza desappareçam. Uma pelle saudavel é sempre bonita". Cada tratamento de belleza de ELIZABETH ARDEN, bazeia-se scientificamente em cada caso espec'al.

Pr'meiramente, com cuidado, fazer a limpeza com o Creme de Limpeza, o qual retira o pó e as impurezas que tapam os póros.
Depo's vem o alisamento da pelle com o Adstringente Especial, o qual dá uma optima circulação, vivificando os tecidos da pelle.
Para f'nalizar vem a alimentação da pelle com o Creme de Laranjas ou com o Creme Velva, o qual nutre, fazendo desapparecer as rugas e a flacidez da pelle. Empregue este methodo tratando de sua pelle em casa, de manhã e á noite, e obterá um resultado surprehendente.

"CREME VENEZIANO PARA LIMPEZA"
(Cleousing Cream)

Um creme leve e tenue, que se liquifaz rapidamente ao calor da pelle, penetrando profundamente nos póros, onde dissolve e ... as impurezas. Limpa a pelle de todo o pó accumulado e de todas as secrecções, limpando-a completamente e conservando-a fina e macia. Não distende os musculos. O Creme de Limpeza, deve ser usado tão frequentemente quanto seja necessario para limpar a pelle, especialmente nos tratamentos da manhã e da noite.

"TONICO VENEZIANO ARDENA" PARA A CUTIS

Distende, clareia e enrijece a pelle. A sua adstringencia serve para tonificar e enrijecer os musculos sub-cutaneos, e para conservar os tecidos activos e saudaveis.

"CREME VELVA VENEZIANO"

Um creme nutritivo feito especialmente para pelles delicadas. Recommendado tam... para os rostos cheios, pois al'menta sem engordar.

"ALIMENTO DE LARANJA VENEZIANO" PARA CUTIS (Orange Skin Food)

Este creme é o melhor e o mais energico reconstruidor dos tecidos. Dá á pelle exactamente os elementos nutritivos que ella necessita numa forma tão delicada que são facilmente assimilados pelas cellulas. E' esplendido para evitar rugas e flacidez e corrigir as depressões, renovando o enchimento e a firmeza natural dos tecidos subcutaneas. E' excellente para o rosto magro que mostra signal de envelhecimento.

"CREME VENEZIANO CONTRA AS RUGAS" (Anti-Wrinkle Cream)

Proprio especialmente para a tarde, para tirar a apparencia de fadiga e as rugas, amaciando e alisando ao mesmo tempo a ... este creme, á base de ovos, é muito delicado e efficiente.

"ADSTRINGENTE ESPECIAL VENEZIANO"

Para applicar com a mão no rosto e no pescoço em leve fricção. Revigora e firma os tecidos flacidos, restabelecendo e alasticidade dos musculos frouxos e melhorando admiravelmente os contornos do rosto. Corrige o decahimento do queixo e do pescoço e reduz o papo em redór dos olhos.

O METHODO "A PROCURA DA BELLEZA" DE

Elizabeth Arden

distribue-se gratuitamente nas casas abaixo, onde se vendem os seus productos:

PERFUMARIA YPIRANGA : — Rua Libero Badaró, 58-B — S. Paulo

concessionarios para o Brasil, e mais nas seguintes casas:

Em Santos:
"PERFUMARIA MOYSÉS"
Rua do Commercio, 16

No Rio de Janeiro:
"PERFUMARIA AVENIDA"
Avenida Rio Branco, 142

"CASA CIRIO"
Rua Ouvidor, 183

Para todos...

A TORQUEMADA DA BELLEZA...

A PRIMEIRA vez que o nome de Irehne Hobson surgiu na minha vida foi a bordo do "Western World" na cadeira de barbeiro. Acabava de escanhoar o rosto quando o figaro pronunciou o nome estranho. Si eu não queria a massagem de Madame Hobson. Era-me indifferente. Meu barbeiro Lourenço, de S. Paulo, nunca havia feito aquella pergunta!

A massagem de Madame Hobson era complicadissima e digna de arrependimentos. Primeiro veio uma pasta negra. Depois leite. Depois gelo. O rosto toma uns aspectos de bolo de fubá. Faltavam os ovos. O leite lambusava o cabello tambem. O gelo dava calafrios.

Terminada a operação — olhei-me n'um espelho. Tinha o rosto encarnado. O barbeiro jurou que eu estava "cento por cento" melhor. O caso é que eu tinha a face deformada pela massagem, pelos cremes, pelo leite. O vermelho escarlate passou a ser horas mais tarde um rosado de boneca de turco. Sem póros. Brilhante. Toda a gente sabia a historia da massagem. Estava escripto na testa. Como annuncio. Fiquei encabulado.

Em New York — a mesma cousa. Não quer a massagem de Madame Hobson? Oh! Não queria mais. Já conhecia Madame. E ainda estava vermelho por isso! Não queria massagem de especie alguma. Agua fria, á moda do Lourenço.

Depois começei a perceber que Madame Irehne Hobson era uma instituição nacional. Uma especie de jogo de bicho. A cachaça indigena. Toda a gente usava as massagens de Madame. Todos sabiam de cór os regulamentos do seu folheto de *belleza physica*. Qualquer serigaita de vinte dollars semanaes fazia questão fechada de que soubessem que ella frequentava o *curso*, usava os cremes, o leite, a pasta preta, o pedaço de gelo — a receita completinha!

Em Hollywood, onde Madame tinha seus laboratorios de *belleza scientifica*, ninguem falava de outra cousa. Era Madame quem corrigia defeitos faciaes: era Madame quem zelava pelas rugas do proximo: era Madame quem assetinava a cutis das *estrellas;* quem alinhava narizes tortos; quem dilatava olhos pequeninos; quem alongava os dedos chatos das mãos burguezas; quem rejuvenescia a velhice e dava á mocidade encantos ainda mais seductores. Uma especie de cirurgiã e demonio. Alchimia moderna. Dr. Voronoff sem chipanzé.

E não trabalhava seguindo methodos scientificos. Sabia a historia das cellulas macrophogas e microphogas. Mantinha correspondencia com o Dr. Seguard. Conhecia os methodos utilizados pelo emprego das glandulas pituitarias de certa classe de macacos jovens. Sabia tudo. Mas usava systema seu, sem bistury, sem faca, sem mesa de operação. O methodo de Madame Hobson. Simplesmente.

Pois, bem. Hontem fui visitar Madame Hobson. Mera curiosidade de ex-reporter. Nada serio. Tinha uma amiga que estava passando tempos na casa de saude annexa ao instituto de belleza e approveitei a opportunidade explendida de conhecer a famigerada mulher das massagens da pasta preta, leite e gelo.

Madame tem sessenta e cinco annos. E parece uma collegial. Um phenomeno. Mas tem o cabello completamente branco. De prata. O resto é de uma *flapper*. A maneira espevitada de falar. O olhar vivissimo. A pelle soberba dos dezoito annos. Um milagre e um demonio de mulher. Verdadeira casca de banana...

Confessou que tinha sessenta e cinco incompletos. E veja! E mostrava-se toda. Pozse em pé. Deu uma volta sobre si mesma, lentamente, como si eu pudesse, com meus miseraveis olhos humanos, atravessar a seda do "jaquette" verde e admirar seu esbelto corpo de bailarina andalusa.

Mas Madame é occupadissima. Não tem tempo para comer. Si não trabalhasse tão arduamente, estaria muito mais joven — declarou, apresentando-me uma enfermeira para que eu pudesse conhecer o Instituto inteiro.

A enfermeira era uma velha. E feia. E irlandesa. Uma cara de broa. Chata, pequena, detestavel. Depunha contra o Instituto. Parecia uma freira, com a sua touca enorme. Mas estava longe. Usava o cabello longo. E o birote, na nuca, sahindo de um salto para fóra do toucado, era simplesmente atroz. Essa megéra sabia um discurso de memoria. Como os cicerones. Desfiava o monotono rosario de informações de um folego, sem uma virgula, sem nada. Só parava no ponto final. E como soffria de asthma — a respiração que tomava, para aguentar o novo periodo, era acompanhada de um resfolegar macabro.

A casa de saude era o nome de disfarce. O verdadeiro nome era outro. N'uma sala immensa, toda branca, percebia-se a atmosphera immaculada dos clubs inglezes. A symetria. Poltronas de couro alinhadas. Mas ninguem lia. Nem fumava. Subitamente dou conta que aquella gente toda não tinha rosto! Todos carregavam uma mascara côr de barro, tão pesada que obrigava o seu portador a manter permanentemente a cabeça encostada no espaldar do assento. A irlandesa informou que eu estava na sala da "mascara de crystal".

O maior supplicio que até hoje os meus olhos viram. O mais cruel e ao mesmo tempo o mais inutil. O mais torquemadesco e o mais idiota. A mascara chamada de crystal não era de crystal, mas de barro. Um barro especial, mais escuro do que o de tijolo, e mais compacto. De qualquer maneira — barro, terra, lama. Invenção de Madame. Naturalmente. O tratamento durava seis semanas. Durante toda essa eternidade a paciente ou o paciente precisava carregar, comprimindo o rosto, amassando a carne velha, cosendo-a, espremendo as rugas, alizando a epiderme, amaciando os tecidos e os musculos, aquella mascara formidavel de barro com os cinco buraquinhos para os olhos, o nariz e a bocca!

Diariamente Madame (Madame em pessoa!) lavava com agua pura aquella crosta de barro grudada no rosto dos freguezes. E cada dia a mascara diminuia. Trabalho lento, de grande paciencia. Ao cabo de cinco semanas o rosto já não tinha mais nada. Apenas uma ferida só, occupava o logar onde anteriormente esteve o barro. Uma ferida repugnante, asquerosa. Cicatrizada — nova pelle surgia. Novas côres. As rugas desappareciam. Os póros. As manchas. Nova cara! A irlandesa é quem explicava tudo. Já estavamos no fim do salão. Uma velha horrivel, já na quinta semana de tratamento, apresentava o rosto em carne viva. Ainda havia um pouco de barro — razão por que ella não podia mover-se livremente.

Quiz falar com aquella mumia. Mas a irlandesa disse que era impossivel. E já me retirava, quando a velhinha fez um movimento de quem queria falar. Mas não podia. O barro ainda estava pregado á volta dos labios, no queixo, no nariz. A pobre velha fazia esforços tremendos para abrir a bocca. Finalmente articulou um som gutural. O barro quebrou-se todo, trincando, partindo, deixando apparecer a cavidade da bocca. Uma scena tetrica. Sorriu. E o barro das bochechas saltaram. Era a quinta semana. Depois perguntou, curiosa:

— "E é verdade que o Sr. vem para o tratamento tambem?"

Passei numa ansia a mão pelo meu rosto. Tremendo de susto. Estava suando em bagas grossas como punhos. E fugi com a irlandesa do birote, espavorido e aterrado, daquelle cemiterio de loucos...

Credo!

Hollywood — Janeiro de 1930.

Gente de circo

por Edith Fitzgerard

D. CAVALCANTI ILLUSTROU

VOCE vem commigo, Arthur? — Quem fazia essa pergunta era um homem alto, elegante, com esse inconfundivel "chic" das pessôas de raça e de fortuna.

— Onde? — respondeu o interpellado.

— Circo Mayer... Para vêr a maravilha das maravilhas.

— Algum domador que transformou um tigre de Bengala em um inoffensivo cordeirinho, a força de pancadas?

Algum equilibrista que sustenta um elephante sobre a ponta de uma agulha? Algum clown que falta com o respeito ao publico, julgando que a sua cara pintada lhe dá esse direito? Não, meu caro. Obrigado. Prefiro continuar aqui, lendo tranquillamente, neste agradavel canto de club, fumando um bom charuto, e sem ser incommodado pelo frio.

— Que commodista é você! Já o estou vendo cahir sob as garras de uma governante, rebarbativa e bigoduda, a quem você deixará toda a sua fortuna, para desespero dos seus sobrinhos.

— Ah, ah! E você acha que isso seja um fim desastroso, Sydney? Ha homens que acabam muito peor; em mãos de uma aventureira, ou sob o pêso de alguma familia tyrannica... Mas, emfim, não quero passar por desattento. Ganhei-lhe duas partidas de xadrez, e é justo que você tenha uma compensação. Vamos ao Circo Mayer, e ali ficarei de bocca aberta ante essa "maravilha das maravilhas". Prometto-lhe cinco minutos de extase e outros cinco de enthusiasta admiração. Está satisfeito?

Sydney Morrison moveu a cabeça e replicou:

— Você é o louco mais sympathico que já conheci. Quero leval-o ao Circo Mayer para que conheça a famosa Anna Kelly.

— Já ouvi esse nome... Acho que vi uns cartazes muito grandes, com uma mulher loura.

— Exactamente. E' uma funambula notavel; primeiro, por sua habilidade indiscutivel, e depois por sua belleza.

— Bonita, heim? Então comprehendo o seu enthusiasmo. Você está apaixonado por ella?

— Como um louco! Mas é a mulher mais enigmatica e mais fria do mundo. Não acceita presentes, nem mesmo bonbons ou flôres; não recebe ninguem no hotel onde se aloja e sáe do theatro sempre só. Toma o automovel, e nada se sabe della, até que apparece no dia seguinte no Circo.

— Pois tudo isso que você acha enigmatico, parece-me a cousa mais logica do mundo. Essa Anna Kelly será uma senhorita decente a quem não agradam outras exhibições sinão as que a obriga a fazer o seu contracto, e que desconfia das attenções do publico. Agora sim: tenho curiosidade de conhecel-a. Vamos?

Os dois amigos sahiram do culub, e, como o circo ficava a pouca distancia, fôram a pé. A noite estava fria, mas era bôa.

— Você tem entradas? — perguntou Grant. — Porque a estas horas é difficil arranjal-as.

— Tenho um camarote de assignatura — replicou Sydney.

— Diabo! Então o caso é mais grave do que eu suppunha.

Ao chegarem, a gentil solicitude dos porteiros mostrou a Arthur que o seu companheiro era muito conhecido ali. Ambos se installaram no camarote; Morrison, um pouco nervoso, batia com o pé no tapête. Arthur, tranquillo, depois de olhar demoradamente camarotes e cadeiras, pôz-se a contemplar um domador de grandes bigodes que, fóra da jaula, tratava de dominar, a chicotadas, um leão rebelde que se encolhêra num canto e que não queria fazer os exercicios das outras noites.

Como o soberbo animal não cedesse, Mr. Frédéric annunciou ao respeitavel publico, que era perigoso continuar a exhibição e retirou-se no meio de alguns murmurios de protesto e de mui poucos applausos.

— Agora vem Anna Kelly — exclamou Sydney.

A orchestra atacava uma valsa, e notava-se no publico essa inquietude, essa expectativa que precede um espectaculo notavel.

— Ahi está! — exclamou Morrisson.

Estalou uma atroante salva de palmas, e cahiram na pista varios ramos de violetas. Uma mulher loura, bellissima, adoravel, coberta com um maillot de sêda rosea, avançava sorrindo e cumprimentando o publico. Era, de facto, uma figura esplendida, com alguma cousa de casto e pudico, apesar da exiguidade

do trajo. Com movimentos gracis, dirigiu-se á corda; dois palhaços, ridiculamente cortezes, para divertir o publico, ajudaram-na a subir até a estreita plataforma.

Depois, tomou uma sombrinha japoneza e começou os seus exercicios, em meio a um profundo silencio dos expectadores. Parecia caminhar sobre o arame com tanta certeza como sobre um pavimento estavel. Ia, vinha, deixava-se escorregar como si fosse cahir, e de repente se aprumava, tão senhora dos seus movimentos, que dir-se-ia sustentada por fios invisiveis. Com profundo desprezo da vida, pois trabalhava a grande altura e sem rêde, continuava os seus exercicios cada vez mais perigosos.

A um momento dado, calou-se a orchestra. Sydney poz-se muito pallido e disse ao amigo, em voz baixa:

— O rodomoinho!

A funambula, num prodigio de equilibrio que se poderia chamar fantastico, deu varias voltas sobre si mesma, sustentando-se com um só pé, e depois cahiu sentada sobre o arame, saudando o publico que a applaudia estrondosamente.

Morrison disse:

— Sempre penso que vae morrer... E' uma prova arriscadissima, não?

— Sim—responde Arthur,—e que revela em Anna Kelly um desprezo muito grande pela sua existencia.

De repente Sydney estremeceu, e, tocando no braço do amigo, disse emocionado:

— Olhou para cá! Viu-me!

E sorriu!

A impressão delle era tão forte, que sua voz tremia.

De facto, Anna Kelly olhára para o camarote onde estavam os dois amigos, e ao vêr o invariavel expectador de todas as noites, sorriu.

— Talvez esteja me animando a que me approxime e lhe fale — continuou Morrison.

E deixando Arthur, sahiu do camarote, emquanto Anna escorregava pela corda e atravessava a pista, sempre applaudida pelo publico.

Em vão, Grant esperou a volta de Sydney. Vendo que a funcção terminava e o amigo não apparecia, disse philosophicamente:

— Ora! Essa sereia se deixou impressionar por fim, e o meu caro Morrison vae ser por um mez um homem completamente feliz.

E, sem invejar a bôa sorte de seu amigo, sahiu do Circo Mayer, misturado entre a multidão.

Durante duas semanas, nem no club nem no golf, nem em theatro algum, foi visto Sydney Morrison. Grant telephonou-lhe, e o creado respondeu que o seu patrão estava perfeitamente bem, e que passava uma temporada na sua quinta de Dornlay.

O nome de Anna Kelly desapparecêra dos cartazes do circo, e Arthur relacionou estreitamente as duas desapparições.

Uma manhã, Grant achava-se em seu escriptorio, quando recebeu a visita de um homem alto e moreno que lhe disse:

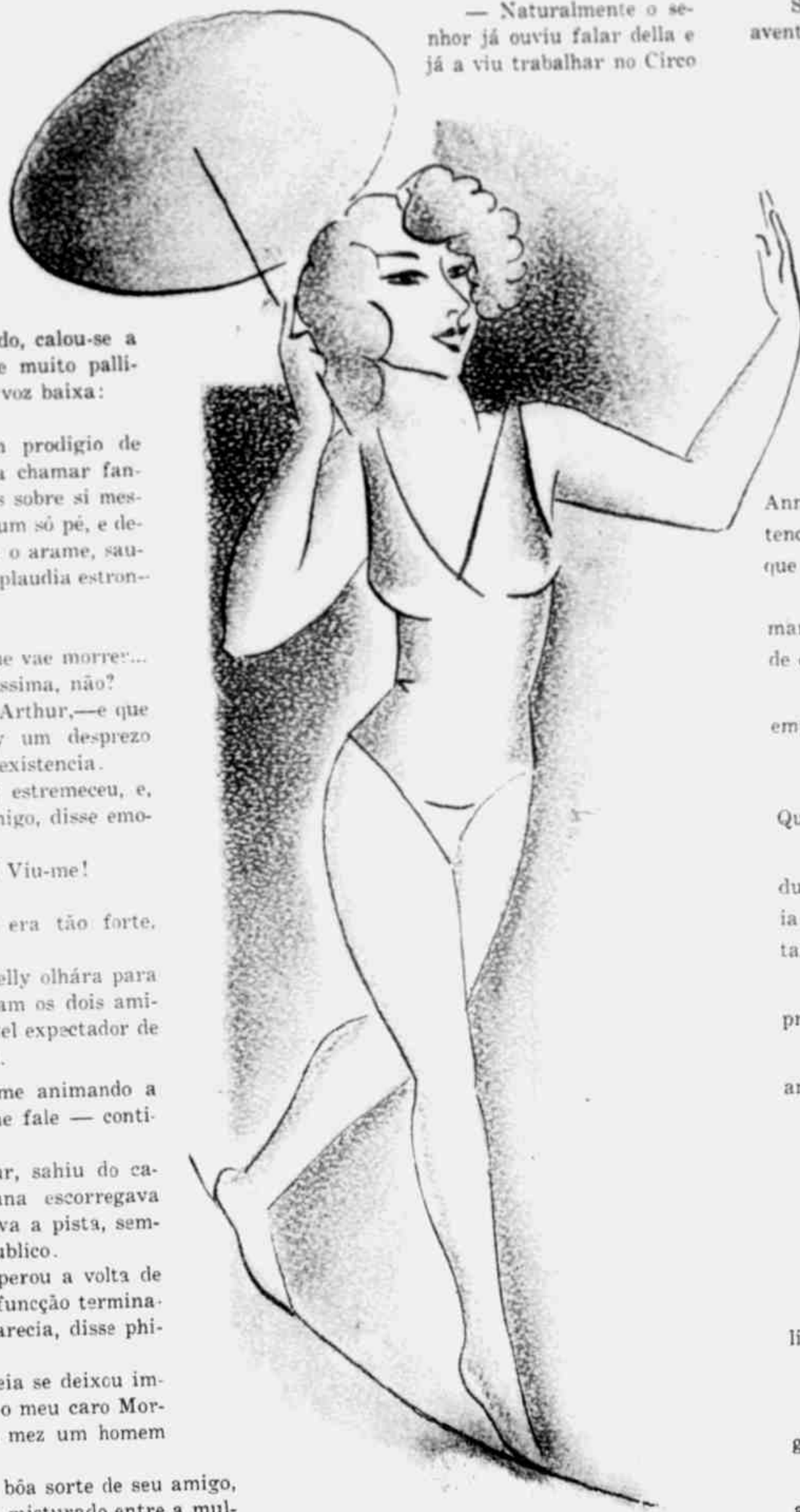
— Senhor... O Sr. é muito amigo de Sydney Morrison, não?

— Certamente. Mas, a que vem esta pergunta?

Não conheço o senhor; não sei quem é...

— Sou o marido de Anna Kelly.

— Ah!

— Naturalmente o senhor já ouviu falar della e já a viu trabalhar no Circo

Depois tomou uma sombrinha japoneza e começou os seus exercicios.

Mayer. — De facto. — Pois bem: essa Anna Kelly, essa mulher fatal a que o destino me uniu é a mais perigosa das Circes. Recolhi-a quando vagabundeava pelos caminhos, junto com uma tribu de ciganos.

A força de pancadas, o chefe lhe ensinára uma série de exercicios perigosos, que Anna executava nas praças das aldeias, pedindo depois dinheiro num pratinho. Arranquei-a a essa vida miseravel, e fil-a minha esposa.

Mas a ingrata creatura correspondeu ao meu amor e aos meus cuidados, trahindo-me vilmente com um addido militar da embaixada de Illyria, um espião bem disfarçado de quem se fez cumplice.

Segui-a passo a passo na sua existencia aventureira.

Para dissimular seus planos, contractou-se no Circo Mayer, e realiza esses perigosos exercicios, afim de attrahir incautos como o seu amigo. Este se acha em poder de Anna, e a sua perda é segura, si não o livrarem a tempo das suas garras, porque a policia está no seu encalço; eu declarei tudo: esta é a minha vingança.

Num segundo, Grant viu o espantoso desastre em que Sidney ia se vêr arrastado: sua carreira, sua posição, perdidas, ao se misturar nesse assumpto de espionagem, que as leis inglezas julgam tão severamente.

Elle teria dito alguma cousa á Anna? Revelado, na intimidade de sua existencia, algum desses segredos, fraqueza essa que o poderia levar ao carcere?

Com poucas palavras, Arthur despediu o marido de Anna, e, sahindo immediatamente de casa, tomou um auto, e chegou á estação.

— O trem para Dornlay? perguntou a um empregado.

— Dentro de cinco minutos, senhor. Quinta plataforma.

Grant subiu apressadamente ao carro e, durante os 40 minutos que durou o trajecto, ia pensando: "Com tanto que não seja tarde!"

Quando o trem chegou a Dornlay, foi dos primeiros a saltar.

A gare estava cheia de gente, que fazia animados commentarios.

— O que ha? — perguntou.

Arthur ao chefe.

— Ah, senhor! — replicou este.

— Cousas graves...

Quem ia pensar que Mr. Morrison...

— O que? — balbuciou Grant, fazendo-se livido.

— A policia invadiu a casa.

Parece que se trata dum caso de espionagem.

Ha uma mulher loura no assumpto, uma artista de circo.

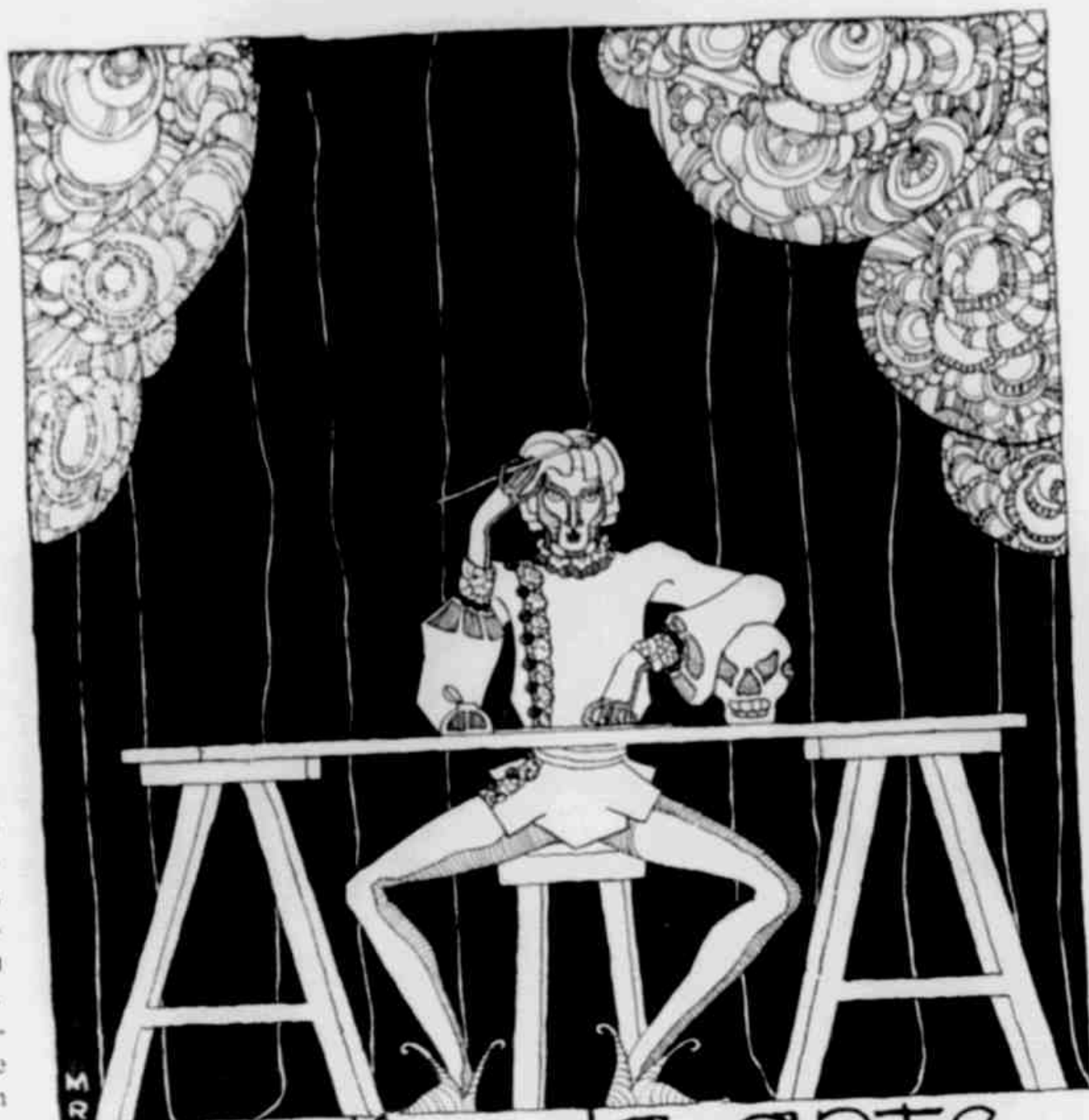
Quem o diria?

E' uma desgraça, uma verdadeira desgraça!

E emquanto Grant se deixava cahir anniquilado num banco, o chefe afastou-se, muito contente de que, naquella aldeia perdida, acontecesse algum facto digno de occupar a primeira pagina dos jornaes.

UM palco vasio. Amleto, em dolman russo, sentado junto a uma mesa, diante de uma folha de papel em branco.

A. — E ainda não comecei a peça. Quando deixarei de ser amletico? Não decidi nem a respeito do scenario. O publico imaginará o scenario. E o "enredo"? E' preciso que a peça seja curta... O espectaculo não póde acabar depois de meia-noite. O publico não póde pensar em arte depois da meia noite. Depois dessa hora fatal a humanidade começa a ser seria. Me apresentarei em scena com este dolman. E' muito "artistico"! De resto, a Russia está na moda. Estou dentro da estetica do meu tempo — a *unica* estetica. Nestes dois minutos imaginei toda uma peça de grande successo. E's um talento, meu amigo. Guardei a tarde de hontem dentro das pupilas. Lindo! E' a tarde que vae escrever pelas tuas mãos, Amleto. E' allucinação da tarde com corpos mornos e frios se esfregando. Lindissimo! Não olho as rosas. Um Amleto cubista!... Minha tragedia interessará a algum actor de genio? Não creio. Nem mesmo aos espelhos. A tal peça deve conter varias considerações philosophicas sobre o amôr (!?), a ventura, as possibilidades humanas, etc. E personagens reclamando para ellas uma grande parte em todas as besteiras que se desenrolam!... Fazem questão. Agite antes de usar. Quá! quá! quá! O theatro é uma coisa interessante. O theatro acaba onde começam os espelhos. Mas é justamente o contrario! Juro. De qualquer maneira é um paradoxo. Falta na peça uma personagem "artista". Corpos bem vestidos e comportados para fundo desse artista.

Não esquecer a plastica. Faltam mantos na minha peça. Vão dizer que não sou requintado. O diabo é que o velludo está carissimo. E' preciso concluir de qualquer modo. Como nas fitas americanas. E observar bem as situações... O autor é um fiel observador! E como collocar as mulheres neste drama? Talvez como espectadoras do homem. Um absurdo. Os homens é que são os espectadores das mulheres. Falhou a psychologia. E' por isto mesmo!... Cerebro-onibus. Escarro nas paisagens do corredor, não porque ellas me lembrem a aldeia onde nasci, mas porque escarro na paisagem. Que fazer do drama. No final das contas, cada um com sua indecisão. Mas um Amleto moderno não deve ser indeciso. (Dizia eu isto no principio? Não me lembro). Vou citar a peça: o ideal moderno — as Exmas. Sras. donas "Artes" marchando juntinhas. Um hymno triumphal na subida do pano. O povo no terraço do castello (sic.) Ardor. Frenezi. Enthusiasmo. Explosões de instincto. As grandes idéas são só para as massas... Sem paisagem. Desculpem-me, pintores, poetas, prosadores. etc! Uma scena sem importancia. Muda o scenario. Uma sala núa e lisa. Ambiente sintetico para as figuras. A pintura e a esculptura devem "representar" essas figuras. E a peça fazer a philosophia, o commentario dessas personagens. Apparecem dansarinos que "representam" os gestos "interiores" dessas personagens.

(O escandalo! originalidade!) Muito bem architectado, Amleto! Que talento, que finura, que sensibilidade... Agora o drama. O drama! Aqui é que a porca torce o rabo. Expressão de mau gosto. Um escriptor alinhado só deve empregar vocabulos bonitos... só pr'a irritar os possiveis ouvintes. Espiritismo? Não. Tem mais figuras no céo e na terra, do que sonha a nossa philosophia. Estou ligado á possibilidade de todos os meus gestos, de todas as minhas phrases. A tarde penetra os meus sentidos. O drama. Vem na *A Noite*. Copia elle, Amleto.

— Pausa.

Alguem cahiu no tanque. Dedica a esse corpo morbido (sic) o gesto illustre de uma rosa Paul Néron. Consulta o Sr. De Fonquières. Só te interessa este corpo que cáe — tibum! — n'agua? Mas isto te interessa mesmo? E esta caveira que já vês no fundo da agua? Quantas interrogações neste drama... Ai! minha colica de figado... Eureka! Mas pr'a quê amletismo? Oh! Levantar ás 6 da manhã — tem despertadores que não falham, de excellente memoria — banho de mar, gynastica sueca, 1 calice de Porto com dois ovos, cuspir na bibliotheca, pensar na Dama das Camelias (porque? oh que inconsequencia!), ler revistas... Mas preciso de escrever o drama! Não tenho caneta.

Au clair de la lune
mon ami Pierrot
prête-moi ta plume
ponr écrire un drame
en argot.
O Pierrot idiot
pourquoi ne fais-tu pas le gigolo?

Eu a sós com o meu pensamento... Comprehendem a grandeza tragica desta scena? Que scena? Ah! E' a scena nº 5, do meu drama! Resolvi agora. Que achado.

Viva o accaso! Vivôôôôô... Vou revolucionar o mundo. Cómo eu sou audacioso. 1, 2, 3, 4, 5; 6; 7; 8; 9... O relogio me lembra que é preciso encher o vasio. E o tempo foge de mim! Me falta uma imagem. Chaga, rosa, constellação... Onde fugir? Tudo me persegue. Devo, ou não, matar ás personagens do drama? Cara ou corôa? Cara. Aba jacta esto. Matei as personagens. Sentidas lagrimas do teu amigo Jacintho. Eterna saudade de D. Maricóta Rodrigues. Diabo. Vou resuscitar esses figurões, para a opportunidade de mais algumas phrases!... Eu, a gloria... O escriptor Amleto... Não sei como começar o drama... Ouço gritos pelos setes lados. A' scena o autor, para as batatas! O senhor é uma besta! Esta peça é horrivel! Fiau! Fóra! Fóra! Fiau!

P A N O.

Verão no mar

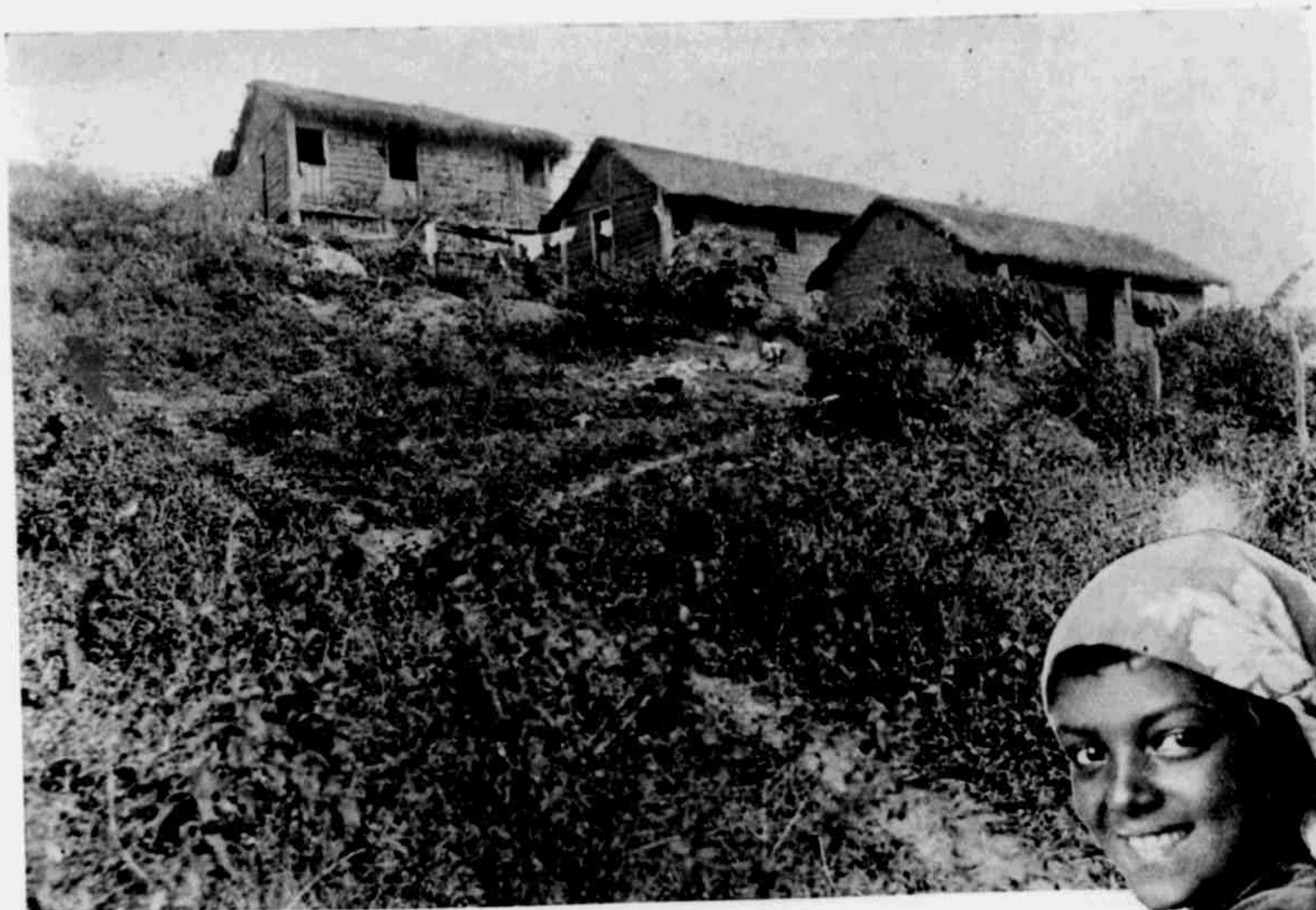
O team de water-polo do Atlantico Club e dois instantaneos batidos no posto 6.

Numa casinha de sapé da "favella" de Juiz de Fóra — o morro do Pito Acceso — vive com a mãe a pequena que Nestor Santos photographou, especialmente para "Para todos...", com o seu vestidinho pobre, que o artista tornou bonito, e a cestinha de junco em que ella conduz, diariamente, as compras das familias locaes que a ajudam a ganhar a vida.

REMONTANDO aos grandiosos tempos que se foram com a Attica extincta; reconstituindo o esplendor ephemero da Roma dos Cesares — eu te revejo, ó Venus divina, na transmutação graciosa da cabocla americana.

Já não resurtes da espuma do mar, na nudez resplendente em que o sol da Helade punha a lascivia duas vezes queimante dos seus beijos de fogo... Não mais recebes, sob a invocação de Androgyna, contemplativa e estatica, as homenagens bacchicas da turba bestializada...

Cansaste-te do desprestigio de tua divindade. Revestiste, realmente, a fórma humana, são por castigo de Jupiter; mas para a alegria contemplativa dos olhos dos mortaes. E quizeste, na terra, tão bem adaptar-se á nossa natureza, que te cobriste de andrajos e grimpaste o cimo das altas serranias, tornando-te, assim, — a Venus Fragueira.

Humanizaste-te para de mais perto seres admirada na gracilidade das tuas linhas, na perfeição olympica dos teus contornos, na formosura sem contrastes da tua mascara.

A casinha de Pury é a do meio

Fizeste mais. Democratizaste-te até á humildade. Substituiste as algas e os pampanos com que outróra ornavas os braços gentis, pelo cabaz humillimo do proletario, não para nelle receberes as offerendas dos teus adoradores, mas para com elle adquirires, plebeamente, o azeite da candeia que alumia a tua choupana...

Chama-te "Pury" a sympathia popular, cuidando que em tuas veias corre o sangue barbaro dos donos nativos da nossa terra. Chama-te "Pury" com carinho, com zelo pela candura dos teus doze annos e tambem, talvez, pelo instincto divinatorio que costuma illuminar a alma do povo, alvorotando-a na suspeita da tua origem inhumana.

Venus Fragueira, deusa americana côr do jambo das nossas mattas, eu te saúdo!

O d i l o n J u c á

FESTA PARA AS CREANÇAS POBRES

Tres das barracas armadas perto do Tunnel Novo e que foram das mais frequentadas, domingo, durante a festa que, sob a direcção da senhora Mello Mattos, senhoras e senhoritas, organizaram em beneficio das casas amparadas pelo Juiz de Menores. Houve musica, dansas e cantigas regionaes, sortes, doces, muita alegria em todos pelo bem que estavam fazendo.

O funccionario publico desconhecido

Eis aqui uma idéa generosa e opportuna. Vou explical-a.

Todos os povos que tomaram parte na Grande Guerra, quando se assignou o armisticio de 1918, tiveram logo a lembrança de render uma homenagem posthuma ao typo symbolico dos seus heróes anonymos. E foi essa generosa lembrança que levantou em muitas cidades da Europa monumentos ao "Soldado Desconhecido".

O Brasil tomou parte na Grande Guerra, segundo dizem pessoas de toda confiança, e eu acredito.

Mas, depois de assignada a Paz de Versailles, não tivemos afinal heróes anonymos para celebrar — pois todos os heróes que mandámos ao "front" eram cidadãos conceituadissimos: o general Potyguara, o Dr. Nabuco de Gouvêa, o Bruno Lobo, o senador Lopes Gonçalves, etc. Não podemos, por isto, até hoje, erigir um monumento ao nosso "Soldado Desconhecido". Os soldados que mandámos á Guerra eram poucos, na verdade, mas conhecidissimos. E isto foi o diabo !

Entretanto, ha no Brasil um heróe anonymo — heróe grande entre os maiores ! — que merece francamente a gloria de um monumento: é o funccionario publico.

Ganhando ainda hoje os mesmos ordenados que percebia antes de 1914 — e com a vida pelo preço que está — o funccionario publico curte fome com dignidade, trabalhando honradamente para o progresso e a felicidade do paiz, sem desfallecimentos e sem coleras, etc., etc., etc.

E' um heróe anonymo, mas authentico, o funccionario publico — e é um symbolo, na vida nacional.

O governo, já que não lhe póde dar um augmento de vencimentos para que elle mate a fome, dê-lhe ao menos um monumento: faça-se quanto antes, o monumento do Funccionario Publico Desconhecido !

Nesse monumento se perpetuará a gloria de uma authentica instituição nacional: a burocracia.

E como se sabe que não é grande a distancia que separa Gloria e Miseria, teremos nesse monumento da gratidão nacional a Miseria e a Gloria fundidas no mesmo symbolo.

O monumento do Funccionario Publico Desconhecido será, assim, o grande monumento symbolico da nacionalidade.

E' ou não é uma idéa opportuna e generosa

PEREGRINO JUNIOR

MEU amigo, disse um dia Eva a Adão: esta folha de parreira já está muito sem graça. Que pensas de um vestido de folhas de mangueira com dois babados de couve vermelha e entremeios de loendros?

— Não sei... Gostava mais de uma guarnição de begonias — falou o infortunado de alma candida.

E Eva retrucou, rispida:

— Imbecil! Begonias! Já não se usavam mais na época da Serpente.

Calou-se.

Mas o Demonio, que tudo ouvira, esfregou as mãos — gesto só possivel a uma serpente sobrenatural — e inventou os costureiros.

* * *

Vocês dirão que esta historia não é authentica. E' bem possivel, porque acabo de imaginal-a. Entretanto, concordam commigo, que o Maligno é um pouco responsavel pela creação das modas.

Se os costureiros não fossem inspirados por algum sopro demoniaco, não se obstinariam tanto em deformar a imagem da divindade, que é o corpo humano.

No tempo das crinolinas, deram ás mulheres fórma de sinos. Por volta de 1900 foram transformadas em *diabolos*. Depois, veio a época em que pareciam guardas-chuva abertos. A saia *entravée* fechou os guardas-chuva. A saia curta e larga mudou-as em campainhas com duplo badalo. Por obra malefica da Moda as mulheres tomaram, successivamente, aspecto de cogumelo, apito, espanador, chaminé...

* * *

Onde estamos hoje?

Antes da guerra, surgiram cabelleiras verdes, azues, roxas. Mas, a mulher, cansada de ouvir definil-a "um animal de cabellos longos e ideias curtas" decidiu ser a bella de cabellos curtos.

E, eis que, ás nucas raspadas seguiram-se as sobrancelhas arrancadas! A ultima palavra em elegancia consistia em fazer desapparecerem os accentos circumflexos pelludos, traçados pela natureza acima dos olhos, e substituil-os por outros, de tinta, prolongados até as fontes.

Moda pratica. A gente podia collocar as sobrancelhas onde quizesse: até no meio da testa. O precedente autoriza uma indicação preciosa para os calvos: pintarem sobre o craneo devastado, uma cabelleira de fantasia.

* * *

Isso permittiria aos homens participarem um pouco das alegrias da moda. A sorte injusta collocou ao lado do costureiro o seu antagonista masculino: o alfaiate. Emquanto o ideal do costureiro é não fazer dois vestidos iguaes, o sonho do alfaiate é não talhar dois ternos differentes.

Os homens são bem dignos de lastima! Toda originalidade no trajar lhes é interdicta. Experimentem, meus amigos, alegrar um pouco a imagem de cylindro triste! Vistam, apenas, um casaco roxo com calças verde-maçã! E hão de ver o que lhes acontece.

Tambem a culpa é nossa. Si em vez de perguntarmos, com timidez, ao alfaiate: "Quantos botões têm agora os sobretudos?" ordenassemos decididamente: "Faça-me uma tanga com dois bolsos para revolver e um bolsinho para o meu *Neversharps!*" tudo mudaria.

E á noite, as poltronas dos theatros, em vez de estarem occupadas por homens de branco e preto, alinhados como andorinhas nos fios telegraphicos, apresentariam um aspecto variado: colletes de lamé ouro, casacas de lantejoulas, calças guarnecidas de petit-gris e plastrons de valencianas...

E já que falamos em alfaiates, o momento é opportuno para se destruir uma lenda, de cuja propagação são muito culpados os escriptores romanticos: a que faz crêr que não pagamos ao nosso alfaiate. Deve-se suspeitar das imaginações romanticas. No nosso seculo de T. S. F. e de aviação, pagamos sempre ao nosso alfaiate. (Digo isto para socego do meu.)

OS CAMINHOS QUE LEVAM AO CÉO...

UMA tarde de sabbado, á hora do *footing*, um habito negro de freira é uma nota distoante entre as sédas multi-côres da Avenida

Oh! Irmã Veronica! Quanto prazer em vel-a!

Ella reconheceu-me

Meu bom amiguinho!

Deteve os passos A onda humana foi deslizando. Jogou-nos á margem. Mas todos os olhos descansavam um momento na monja e em mim Ninguem comprehende que uma freira ande fóra do convento

A Irmã Veronica e a unica brasileira de uma ordem italiana Pertence ás Servas de Maria, fundada em Florença

Conheci-a ha uns quatro annos, no Rio Ella entrou na redacção onde eu trabalhava e pediu que a deixassem falar a um reporter Coube-me attendel-a

Desejo apresentar a um jornalista brasileiro quatro missionarias italianas que estão em transito para o Acre — disse-me Veronica E' lá naquellas terras doentias que se desdobram as nossas missões Mantemos um hospital na região mais insalubre Se nem sempre podemos curar as enfermidades, por falta de medicos e de remedios, sabemos abrandar a morte com o balsamo da religião

Depois de falar assim a Irmã Veronica levou-me para onde nos esperavam as quatro religiosas, junto á porta do elevador

Ao vel-as, não pude conter a admiracão pelos quatro rostos jovens e rosados das missionarias estrangeiras Como eram lindas e saudaveis aquellas monjinhas! Quanta alegria e caridade naquelles olhos encantadores de florentinas!

Veronica, ao apresentar-nos, foi pronunciando nome por nome

— Soror Maria Leticia — disse por ultimo

Era a mais joven de todas Vinte annos, talvez A mais bella Uma expressão rara de candura

— Ir para as terras desoladoras do Acre — disse-lhes eu — é o mesmo que sahir ao encontro da morte!

Mas essas palavras de desanimo fizeram com que as monjinhas italianas sorrissem com mais alegria ainda

* * *

Depois que a Irmã Veronica se retirou com as quatro missionarias, fiquei muito tempo a pensar na nobreza daquellas almas As jovens italianas, que talvez nem soubessem as côres da nossa bandeira, vinham ao Brasil para soccorrer os nossos patricios afflictos do Acre Vinham como têm vindo tantas outras Servas de Maria, para trabalhar pela nossa grandeza Vinham para morrer por nós, para enlutar lares longinquos, onde talvez só se pronunciasse a palavra Brasil a partir do dia em que as monjinhas deixaram suas mães chorando de saudades.

E pensei tambem no desamparo a essa obra bellissima de misericordia. O governo da Republica não ajuda com um só vintem a Ordem das Servas de Maria!

— Nada se póde fazer pela vossa Ordem! — disséra á Irmã Veronica uma alta autoridade brasileira, quando ella lhe fôra pedir auxilio.

E a monja respondera, com uma doçura de santa: — As Servas de Maria não desejam nada Venho pedir pelos brasileiros que morrem á mingua no Acre

Meditei sobre todas essas coisas e escrevi a reportagem da partida das quatro missionarias para o Acre O titulo foi este:

Os lindos caminhos que levam ao céo

* * *

— Oh! Irmã Veronica! Quanto prazer em vel-a!

— Meu bom amiguinho!

A onda humana foi deslizando. Jogou-nos á margem.

— Que noticias me dá, Irmã Veronica? Nunca mais ouvi falar das quatro missionarias italianas. Como vae soror Maria Leticia, a mais joven?

A religiosa apertou entre os dedos longos e finos o seu crucifixo negro e ergueu os olhos para o alto.

— Os lindos caminhos que levam ao céo... — balbuciou Veronica, suavemente, como numa prece. A monjinha tão pura e tão rosada já alçou o vôo celestial ha tanto tempo! Um mez depois de chegar ao Acre, foi tomada pela febre da região e subiu para os braços do Senhor.

— Os jornaes não noticiaram a morte — estranhei.

— Sim. Ninguem perturbou o somno tranquillo da virgenzinha que Nosso Senhor chamou... A noticia foi numa cartinha para o lar da santa Maria Leticia. Os seus paes e irmãozinhos cobriram-se de luto. Nada mais. Depois, quando fui á Roma, um superior perguntou-me quem era o autor daquella epigraphe dos caminhos que levam ao céo, e cujas palavras, talvez illuminadas por um fóco divino, parecem ter adivinhado o que ia acontecer á Soror Leticia um mez mais tarde. Respondi-lhe que era um catholico, um grande amigo dos Servos de Maria.

— Porque não disse a verdade, Irmã Veronica? Que sou um reporter, um homem sem idéas preconcebidas?... Não posso ser nada e tenho de ser tudo...

A monja olhou-me cheia de commoção. Talvez tivesse piedade de mim. Achou que eu devia soffrer muito.

Retirou do pescoço o crucifixo negro, onde brilhava a imagem prateada de Jesus.

Este é o maior presente que lhe posso offerecer. Ha dezesseis annos que o trago commigo. E' o objecto que mais prezo no mundo. Milhares de creaturas soffredoras já o levaram aos labios. Moribundos do Acre beijaram-no na hora extrema e morreram sorrindo.

Eu não tinha coragem de tomar nas mãos aquella dadiva tão santa. Parecia-me que ia profanal-a entre os meus dedos.

— E' seu o crucifixo — accrescentou Veronica. Offereço-o á bondade de quem anteviu a gloria da nossa monjinha.

Tomei-lhe das mãos o crucifixo negro e beijei-o. Beijei-o como se beijasse a fronte pura de Soror Maria Leticia.

* * *

A Irmã Veronica afastou-se de mim. Penso que ella não quiz que eu lhe visse os olhos humidos.

Santa creatura! Estava esmolando nas casas commerciaes do centro. Andava pedindo roupas e remedios para os pobrezinhos e doentes do Acre.

Uma aventura vivida

O Rei do Jazz

Si indagassemos: "Qual é o musico que mais dinheiro ganha actualmente com a sua musica?" os nossos leitores ficariam em difficuldades para responder. Massenet e Puccini morreram: as operas de ambos rendiam fartos direitos. Richard Strauss, Stravinsky, Ravel ganham menos que Messager, Oscar Strauss, Yvain, Christiné, Gershwyn, Youmans... Mas os reis da opereta, os jovens mestres do Jazz veem os seus lucros supplantados pelos de um moço, israelita americano, de origem russa, cujo nome de guerra é Irving Berlim.

Existencia singular e contrastada a de Irving Berlin: uma verdadeira e completa aventura; dessas aventuras que só podem ser vividas na America, paiz da alegria expansiva e das bruscas fortunas.

Pelo meio do anno de 1892, um rabbino, fugindo ao rigor do regimen russo, chegou a New York com a mulher e seis dos oito filhos. O menor, Izzy, (diminuitivo de Israel) sob a direcção do pae, começou a aprender os canticos da synagoga, que são como o queixume sem fim de um povo exilado do Deus que ainda não o escutou.

Com oito annos Izzy ficou sem pae. Frequentava a escola publica do bairro e vendia jornaes entre as horas de classe. Certo dia, estava embasbacado na beira do caes e um guindaste, no seu movimento circular, atirou-o no East River. Quando o pescaram, o pequeno Izzy conservava ainda, trancadas na mão, as moedas que apurára no trabalho quotidiano e que representavam um pouco de pão para a sua pobre familia.

Aos quatorze annos, não tendo descoberto uma occupação lucrativa, Izzy deixou a casa da familia e fez-se qualquer coisa equivalente aos "cantores das ruas". O centro das suas actividades era Bowery, a larga rua ao leste da cidade, que constituia o centro da vida popular de New York. O pequeno Izzy cantava nos bars, quando não acontecia ser contratado, por algum actor de music-hall, para repetir, da galeria, o estribilno da canção, que desejava popularisar. Pois, desde essas épocas historicas, os trovadores newyorkinos sabem os meios de garantir o successo.

Em 1904, um pittoresco individuo chamado Nigger Mike, inaugurou um bar, no quarteirão Leste de New York; ponto de reunião de batedores de carteiras, chinezes, girls e, principalmente, muitos ingenuos em "tournéee des grands-ducs". Nigger Mike chamou Izzy para garçon-cantor. A primeira vez que o servente-trovador viu o seu nome impresso nos jornaes, foi quando o principe Luiz de Battemberg (hoje Mountbatten) visitando o leste de New York e o bar de Nigger Mike, elle recusou, cortezmente, a aceitar gorgeta do principe. Izzy achou que não podia agir de outro modo com um estrangeiro e um principe.

Despedido em 1907, approximou-se mais do centro da cidade, arranjando um outro logar de servente-cantor, nos arredores do Union-Square. Então, com o seu camarada Nicholson, teve a idéa de mandar imprimir uma canção: *Mary from Sunny Italy*.

A aria era de Nicholson e as palavras eram de Izzy. Arranjaram um violinista que escreveu a musica que os dois ignoravam. Essa canção rendeu a Irving Berlin, que abandonaria o nome de Izzy Baline, 37 cents.

Alguns mezes mais tarde, offereciam a Irving Berlin, pela sua quarta

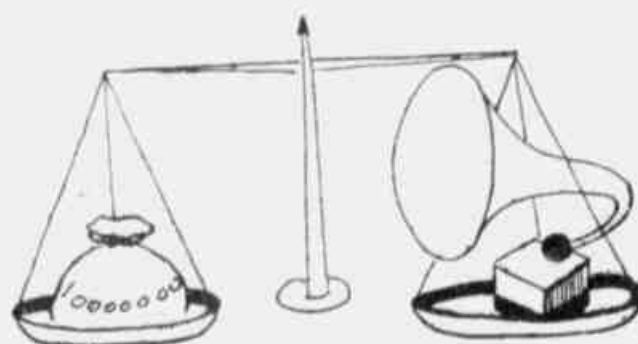
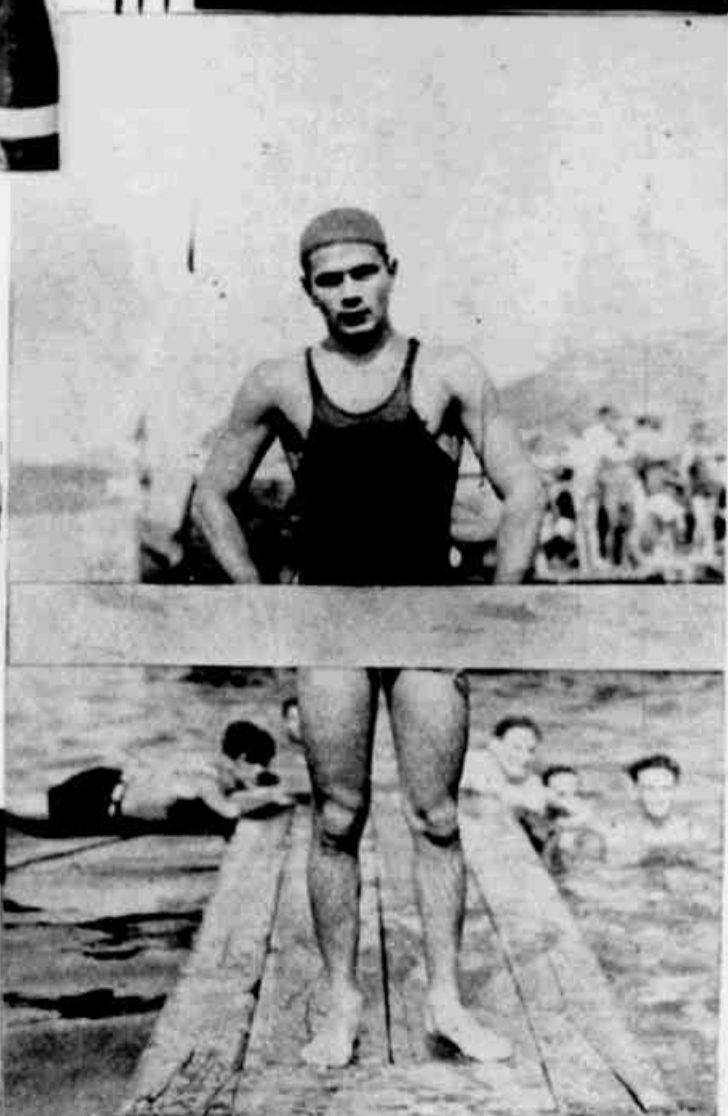
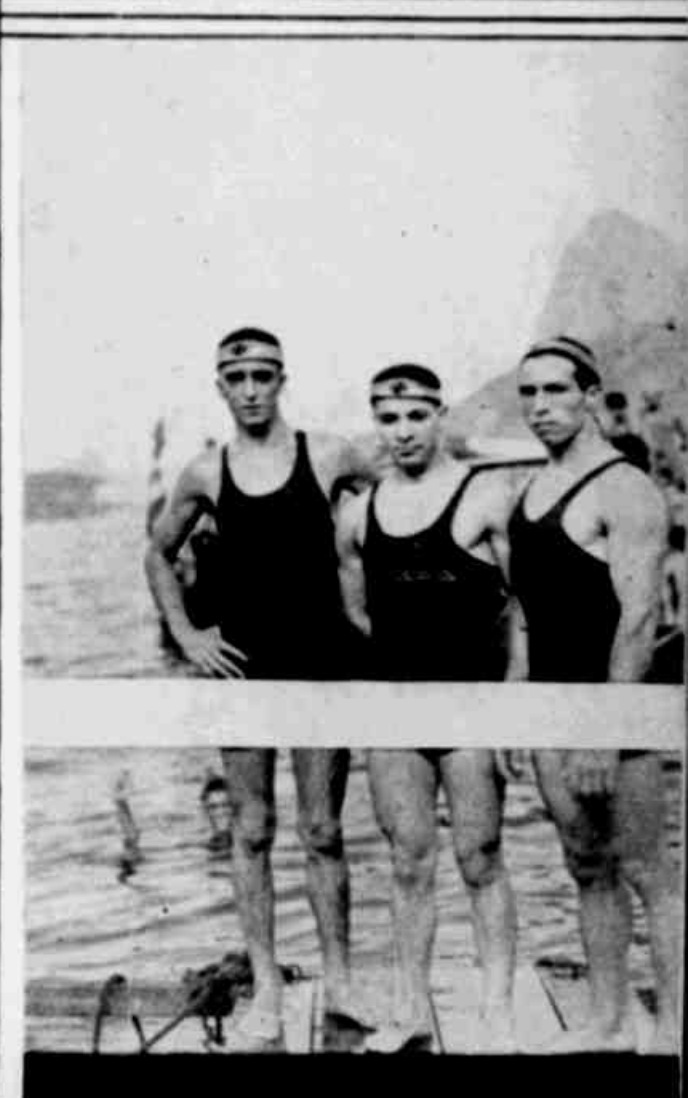
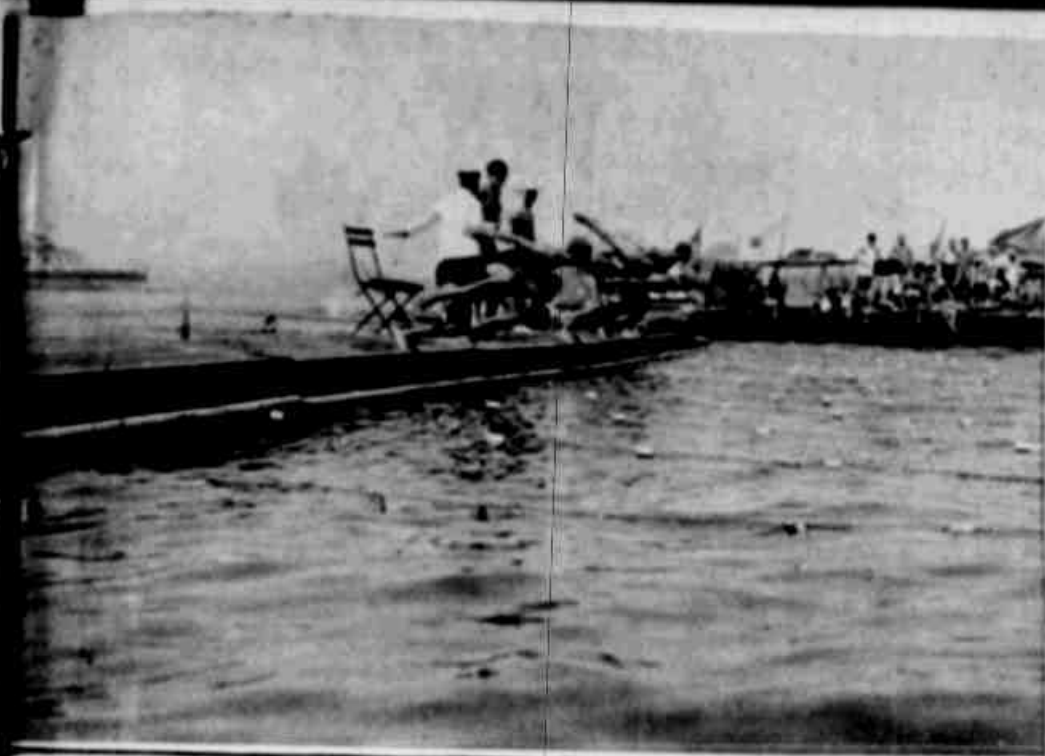
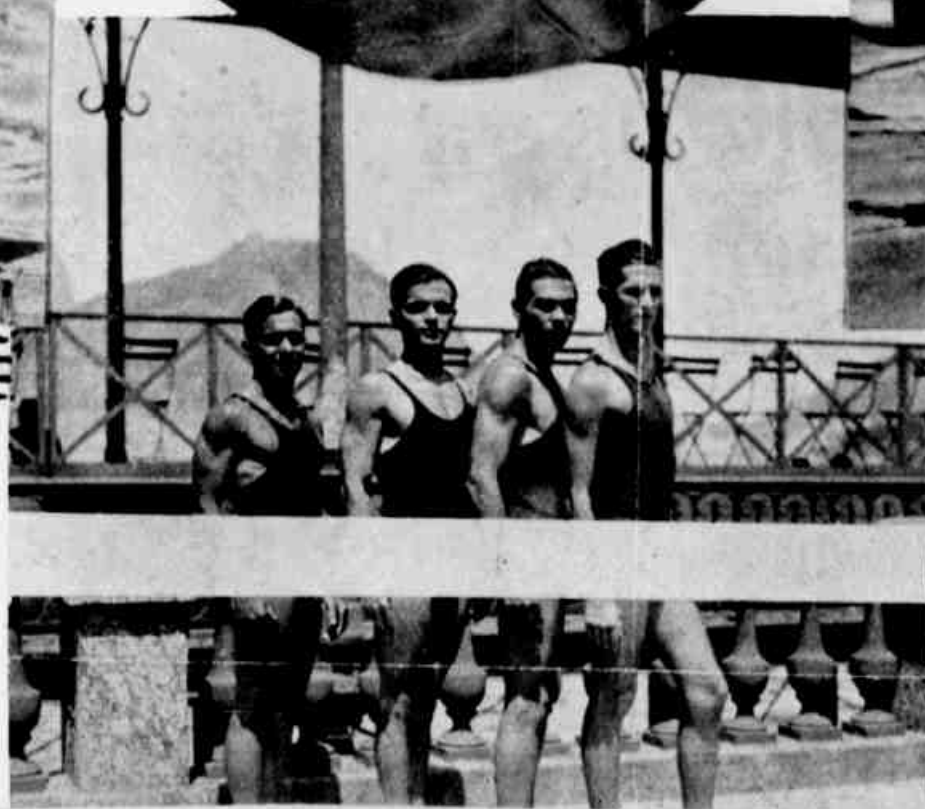
canção, *Dorando*, uns tantos por cento, sobre esta, e sobre todas as suas novas obras, com uma retirada regular de 25 dollares por semana. O trovador encontrára a carreira.

Estavamos em 1909. Pouco tempo depois, de *Sadie Salomé* vendiam-se 200.000 exemplares. Primeiro successo verdadeiro.

No começo, Irving Berlin era um cantor popular que escrevia poemas em giria de New York, para melodias que o editor já tinha. O pequeno judeu possuia um vocabulario restricto, porém, delicioso; o vocabulario dos batedores de carteiras, dos estenographos e das caxeirinhas.

Quem quizer saber como fala a gente do leste da grande metropole basta que leia uma canção de Irving Berlin. Aliás não são poemas para se ler; Irving Berlin os escreve para serem cantados. Tolo é quem quizer fazer, sobre elles, uma critica academica.

Irving Berlin escrevendo, sem cessar, criou um certo nome. Os potentados do theatro newyorkino, os irmãos Shubert, contrataram-no para cantar um numero numa das suas revistas, quando, repentinamente, em 1911, conseguiu o ruidoso successo com *Alexander's Ragtime Band*. Era a primeira musica alegre de Irving Berlin, cujas melodias, quasi sempre, têm uma lagrima velada, longinquos traços da sua ascendencia oriental. *Alexander's Ragtime Band* teve um successo universal; depois de quasi vinte annos de ragtime e de jazz, ainda nos lembramos daquelles compassos cheios de vida.

Mas o que fez de Irving Berlin o rei da musica popular americana, não foi o facto de ser o autor de *Alexander's Ragtime Band*, que todo o mundo assoviava, de New York á Sangaï e de Paris a Sidney e sim o facto de ter sido o

(*Termina no fim do numero*)

O primeiro concurso aquatico de 1930

Senhorita Hetta Weilland, que venceu a 9ª prova; João Coelho Netto, que venceu a prova Antonio Prado Junior; outras nadadoras e outros nadado-

De São Paulo

Baile 1830 realizado no Trianon pelo Tennis Club. As tres fantasias premiadas e um instantaneo no salão durante um intervallo das dansas que não foram aquellas dansadas pelos romanticos do tempo de Mimi Pinson . . .

No campo da Sociedade Hippica : quatro amazonas que são quatro senhoras da alta sociedade paulistana. (Photo Rosenfeld)

Mario de Andrade

(Caricatura de Guevara)

O TREM AZUL

AFINAL o Dr. Osorio Cesar publicou o promettido livro "A Expressão Artistica nos Alienados". Houve os que se interessaram e houve os que se desilludiram. Nas rodas parecidas com literarias aqui da Paulicéa, esse livro já era famoso antes de nascer. Falavam coisas terriveis delle: que considerava os modernistas como alienados, que estudava a sexualidade através das obras dos artistas vivos, coisas terriveis. O livro sahiu e veiu muito mais sério do que propalavam. Não dava thema pra melhores commentarios parecidos com immoraes e dahi uma desillusão que vae toda em honra do Dr. Osorio Cesar.

Uns tempos já estudei um bocado o problema da alienação mental, mas resolvi que não entendia nada e larguei do assumpto. Já está mais ou menos convencionado reconhecer que sou um moço muito intelligente, porém, maluco, coitado! Ora, a maxima mais scientificamente moderna que a gente póde oppôr ao tão illudido e impossivel "Conhece-te a ti mesmo", é que "Ninguem não entende de si". Em verdade vos digo que ninguem não entende de si. Larguei da alienação e seus divertimentos.

A gente se convencer que é anormal é uma salvação: o unico geito de chegar entre os milhões de impecilhos, vaidades, preconceitos, costumes, tradições, a essa especie de verdade que é ser amigo intimo da vida. Reparem nas familias: no geral o filho que consegue "ser" mais intimamente, com a violencia que requer essa anomalia insuportavel do homem racional, viver num universo composto só de sêres parecidos com irracionaes, é o filho que todos já se convenceram na casa que não dá nada e não tem futuro. Estas minhas matutações bem que pódem cheirar a wildismo e petulancia diletante, porém, no momento estou sério e profundo á maneira de Carlito.

A proposito de "ter futuro", não posso me esquecer duma palavra de Paul Valéry, num dos prefacios ao "Mr. Teste". A incapacidade mais luminosa do meu sêr é que jámais soube desprezar coisa deste mundo, porém, essa palavra de Valéry, com todo o seu desprezo ironico pela vida extra-lyrica da humanidade, me resolveu como si fosse a maior verdade que os poetas precisam saber. E quando elle affirma que "são anormaes os individuos que têm um bocado menos de futuro que os anormaes". E' isso mesmo! Ter clientela, ser dono da fabrica, casar com um cafezal de duzentos mil pés, dar um recital de piano, ser editado pela livraria Alves... Os anormaes são os que têm um bocado menos de futuro que isso.

O Dr. Osorio Cesar, psychiatra do hospicio do Juquerá, nos deu um livro de facto muito util. A documentação que reuniu, então, é curiosissima. Apresenta algumas obras de loucos, verdadeiramente admiraveis. Apenas o capitulo de conclusão me pareceu um pouco fraco. E' sempre a mesma questão do filho com futuro e do filho perdido. Intelligente como é, o Dr. Osorio Cesar naturalmente ha de ter tirado conclusões muito mais interessantes e... devastadoras que as do livro delle. Mas sempre foi considerado um filho bom na familia paulistana. Ficou preso nessa rêde de promessas paternas que o coitado do filho tem de cumprir. Concluiu, por exemplo, que o louco não é individuo desprezivel e que a Sociedade tem de se preoccupar com elle.

Mas na verdade o livro, com a copiosissima documentação comparativa que traz, mostrando loucos capazes de hombrear com a arte egypcia, a indiana, a renascente, a contemporanea, leva a conclusões muito mais piedosas e importantes. Incontestavelmente os loucos não são anormaes sinão por terem menos futuro que os normaes. Na sua documentação comparativa, por exemplo, o distincto psychiatra cita o meu Poema Abúlico, com um aproposito exacto. Está ahi uma poesia que si dissessem de louco, todos não deixavam de aceitar como de louco. Mas a ironia vasta deste mundo faz com que eu tenha um bocado mais de futuro que os internados em hospicios e prisões. E ao passo que um fulano numerado só terá seus poemas lidos quando um espirito piedoso os expõe num livro de estudo medico, eu estou aqui, livre, livre filho dos morretes piratiningaños, mandando bem satisfeito estas chronicas do Trem Azul pros leitores de "Para todos..."

E agora se verá o problema mais importante da critica psycologica dos nossos dias: até que ponto se póde acceitar como documentação legitima as confissões, poemas, quadros, etc., feitos pelos artistas? Principalmento. A critica psycologica tempo? Com que direito a gente póde, por exemplo, acceitar como indicação da psycologia proustiana, tal complexo atravessando a obra desse autor? Póde-se tratar duma... invenção.

E' incontestavel que elle conhecia muito bem a psycanalise e Joice, se sabe que deu complexos aos seus personagens, que só quando descobertos (como recentemente um por um critico allemão) pódem explicar certos passos obscuros do "Ulysses". Os artistas elevam duma maneira ás vezes systematisada essa tendencia humana de "se tornar interessante". Se conta por dezenas as artistas, principalmente vivos, que enfeitam a monotonia de suas vidas.

Todos em França já sabem que Villa Lobos esteve amarrado entre selvagens e que Cendrars possui minas no interior do Brasil e vende ilhas em Guanabara. Ora, si o artista faz isso na propria vida, o que não fará na arte? O meu Poema Abúlico está ahi como prova disso: com um nome indicando bem o problema que... me inspirava no momento A critica psycologica das obras-de-arte só póde indicar a individualidade que um artista se criou, jámais um homem.

■ ■ ■ ■ ■

MARIO DE ANDRADE

O theatro p

Os curiosos aspectos da caixa -

POR P

Dulcina de Moraes

Lygia Sarmento

Quantas vezes, no theatro, não terá o leitor perguntado a si mesmo o que se estará passando por detraz daquella cortina de annuncios?

Quem não desejaria conhecer a verdadeira personalidade do artista de sua predilecção?

Vae ter a curiosidade satisfeita, meu caro leitor. Vou leval-o ao interior das "caixas", mostrar-lhe a encruzilhada dos nervos que governam as vibrações da ribalta. Verá como se vive ali durante os espectaculos. A alma, o caracter, os costumes do artista que admira. Comprehenderá o temperamento delle, observando-o nos intervallos das scenas. Venha commigo, leitor, vamos percorrer os camarins.

✣ ✣ ✣

— Desce essa columna de uma vez!

— Puxa essa cortina, rapaz!

— Sae da frente, diabo!

— Olha a cabeça!

— Mas que horror, meu Deus, deixam tudo para a ultima hora. Essa gente não se corrige...

Foram essas as primeiras exclamações que eu ouvi, ao afastar o reposteiro daquella portinha aberta, á direita da platéa do Trianon.

Faltam dez minutos, gente, vamos ver! vocês pensam que ainda é muito cedo?

E Jayme Costa passa, em mangas de camisa, reclamando actividade, observando este ajudante, gritando com o costureiro, sempre agitado. Os artistas estão nos seus camarins. Por aquelle corredor-

Jayme Costa

zinho cheio de malas, onde fui dar, passam, corrend

não gosta dos sapatos com que Lygia Sarmento se pre

— Aquelles com que eu representei na Bahia estã

— Não lhe digo mais nada. Isso está horrivel

Jayme Costa reclama sempre. Todos lhe conhe

to e não ligam ás suas rabugices...

— Padre Nosso, que estás no céo...

Procuro ver quem rezava áquella hora. Dou co

a uma imagem de Christo. Sua mãe, que a acomp

que ella termine a santa pratica, com um casaco aber

trabalhar, sem aquella devoção preliminar...

✣ ✣ ✣

— Dá licença, "seu" Jayme?

O director da companhia, que está só, no seu ca

entre as duas bandas de cujo reposteiro apparece a

senhora. — Ai, Jesus, que elle está em cuecas! Desc

A estranha visitante desapparece. O actor levant

vae ao seu encontro

— Ah! é a senhora? Ora bolas, a esta hora?

nheiro logo mais...

✣ ✣ ✣

Lygia Sarmento acaba de deixar o palco. Traz

interpretações do theatro são para ella como que d

Sempre satisfeita,

alegre.

Vem depois Alm

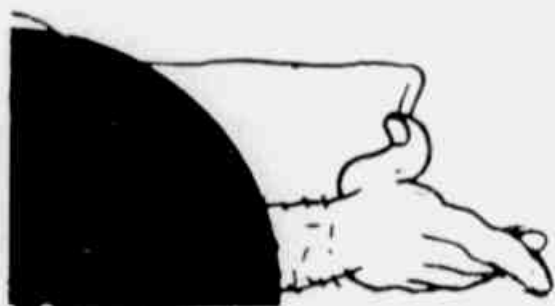
cujo temperamen

nhoso exigiu del

lenca para as m

ções sentimentaes

ven actriz conside

Odilon Azev

por dentro

da caixa - Costumes e superstições dos artistas

POR PINTO FILHO

...ssam, correndo, as primeiras figuras da peça que se representa. Jayme Costa ...rmento se prepara para entrar em scena.

...na Bahia estão no fundo da mala...

...está horrivel!

...los lhe conhecem bem o temperamento. Estimam-no mui-

...

...ora. Dou com Lygia Sarmento ajoelhada em frente ...que a acompanha sempre, por toda a parte, espera ...casaco aberto nas mãos. Lygia jámais começará a ...ar...

✣ ✣ ✣

...só, no seu camarim, olha, espantado, para a porta. ...apparece a cara bochechuda e sorridente de uma ...cuecas! Desculpe "seu" Jayme...

...O actor levanta-se da cadeira, veste-se rapidamente e

...esta hora?! Já lhe disse que venha receber o di-

✣ ✣ ✣

...palco. Traz sempre aquelle sorriso encantador. As ...como que desdobramentos da propria existencia. ...re satisfeita, sempre ...e.

...m depois Alma Flora, ...temperamento cari- ...exigiu della uma ...a para as manifesta- ...sentimentaes. A jo- ...actriz considera-a sua

Alma Flora

Belmira de Almeida

Odilon Azevedo

Teixeira Pinto

"mascotte". Fóra de scena, não tira a boneca dos braços. E não é capaz de apparecer ao publico sem lhe ter dado, antes, tres beijos na bocca...

✣ ✣ ✣

— O "team" do Vasco vae ficar um colosso! Aquella linha está uma verdadeira navalha!

Era Teixeira Pinto que dava largas ao seu fraco, no camarim de Jayme Costa.

— Russo vae vencer o concurso brincando...

— Vamos ver "seu" Teixeira, você não acaba com essa conversa em voz alta?

E' Jayme Costa, que entra no seu vestiario, sempre reclamando.

O contra-regra vem chamar Teixeira Pinto, que continúa empolgado na discussão sobre football.

— Vasco é Vasco! Não ha quem o vença!

E o artista-torcedor sae a correr, afim de aguardar a "deixa" que o porá frente ao publico.

✣ ✣ ✣

Termina o 1º acto. Agitam-se os montadores do scenario. Os artistas mettem-se nos seus camarins. Não conversam muito com os seus companheiros, salvo raras excepções. Este é o aspecto desagradavel do theatro por dentro. Não ha cordialidade entre os artistas. Ao contrario: ha inveja, despeito, muita hypocrisia. Bem, ahi estão tres ou quatro artistas, que conversam alegremente. Approximamo-nos para conhecer a causa de tão boas gargalhadas. Oh! é lamentavel, commentam a frieza do publico para com uma das figuras mais interessantes companhia!... No intervallo seguinte, havemos de encontrar duas ou tres daquellas mesmas actrizes em cochichos com a companheira.

Que pensa dos vestidos compridos ?

A cavallo pelas alamedas de Petropolis

BARÃO DE MAUA'... a Baixada, a Serra... o alto da Serra, e logo depois a estação de Petropolis. Dia de semana, frio, pouco sol. Estação quasi deserta. Nem é a hora da partida nem a da chegada dos maridos. E' a dos passeios a cavallo, do tennis, das caminhadas... Dirijo-me ao "Villino Nair", que fica proximo. Nair de Teffé (senhora Hermes da Fonseca) espera-me para o almoço. Já lhe annunciára eu a visita de amiga e o intuito de buscar-lhe a opinião para estas paginas.

Nair de Teffé é das mais prestigiosas figuras da nossa sociedade, e é bem conhecida nos circulos europeus. Muito intelligente, culta, polyglota, artista da musica, a perversa "Rian", que tem caricaturado figuras de evidencia, consegue tambem attrahir pela bondade e pela vivacidade do espirito. Em Petropolis reside ha muitos annos. Lá morou em solteira, casada, e agora continúa a viver sempre na companhia de seus paes, a baroneza de Teffé e o velho barão, ultimo sobrevivente da batalha de Riachuelo, a quem a idade avançada não conseguiu quebrar a linha e as maneiras de fidalgo, nem fez com que elle esquecesse de galantear as moças bonitas.

Muito simples, numa saia de lã "bois de rose" ajustada aos quadris, blusa do mesmo tom e pingos vermelhos, Nair, sem mais preambulos, fala:

— Sou francamente pelos vestidos curtos.

Reparei, então, que a saia da minha amiga era bem curta. Mas retorqui:

— Os vestidos compridos estão agradando á maior parte...

— Novidade... Os vestidos compridos difficultam a marcha, estão desapropriados á época actual em que a mulher pratica esportes, e entrega-se a labores nos quaes outróra nem pensava. Os vestidos curtos são ideaes. E o são não só pelo lado pratico como tambem porque mais favoraveis á belleza e á mocidade.

Estavam, assim, condemnadas as saias compridas. E Nair contára, ainda que varias das suas amigas pensavam da mesma maneira. E citou nomes conhecidos. Não ficava isolada; tinha correligionarias.

— Está claro — continuou ella — que não poderemos usar vestidos como no tempo em que elles andaram curtos ao exaggero. Mas deverão continuar curtos, embora mais compridos de alguns centimetros, o que, aliás, indicam as chronicas de modas, os figurinos. Vamos, porém, almoçar. Conversaremos á mesa.

Cuidamos, depois, das photographias. O "Villino Nair" é uma bella casa, muito bem architectada, e guarnecida de moveis e objectos artisticos. O gosto pessoal de Nair, por todos os cantos. A sala de musica, o "salon Nair", o
por todos os cantos. A sala de musica, o "salon Nair", o
"hall" em que, ao centro, se ergue o monumento que Guilherme II offerecera a ella e ao marechal Hermes no dia do casamento.

Quasi batida a chapa, Nair se lembra de tirar o retrato com um dos cães da sua collecção. São doze... Cada qual mais bello. O que, porém, muito a rodêa, é um grande policial de pello escuro: "Bill". Mas Nair, afagando a cabeça do cachorro, diz, a sorrir, que "Bill" não é photogenico e manda buscar o que com ella aqui apparece. "Bill", que fôra rechassado, teve a sua compensação mais tarde, quando sahimos a passear de automovel. Tambem passageiro, e o favorito da hora. Na rua 15 parámos duas vezes: uma para que falassemos ao director da "Tribuna", importante jornal da terra, e a quem Nair interrogára:

— Gosta dos vestidos compridos ? Ou prefere os curtos ?...

— Oh ! prefiro os compridos.

Era um adversario... Por isso mesmo, julgo eu, pelo desejo de me demonstrar que não ficava só, é que ella tambem me apresentára, pouco adeante, ao chefe dos Correios e illustre collaborador da "Tribuna":

— E' minha particular amiga, jornalista, e veiu a Petropolis para me entrevistar, para saber se eu gosto das saias curtas ou das compridas.

— E a senhora...

— Francamente pelos vestidos curtos. E o senhor...

— Desde que não cheguem ao exaggero, os vestidos são sempre bonitos quando agradam ás mulheres...

Estava finalmente ganha a partida. Rumámos Cremerie, Quitandinha e percorremos grande trecho da estrada Rio Petropolis. A princeza das cidades serranas que acolhe o grande mundo desde o mais alto magistrado do paiz, é, de facto, encantadora, embora, no presente, as hortensias que marginam as estradas não estejam carregadas de flores. Mesmo assim, Petropolis, lá em cima, montanha engastada noutras montanhas, continúa a ter fóros da mais aristocrata das cidades de verão. Vem o seu prestigio de tempos afastados. E Petropolis se ufana tambem de progresso. Neste correr de idéas é que perguntei a Nair sobre a Academia:

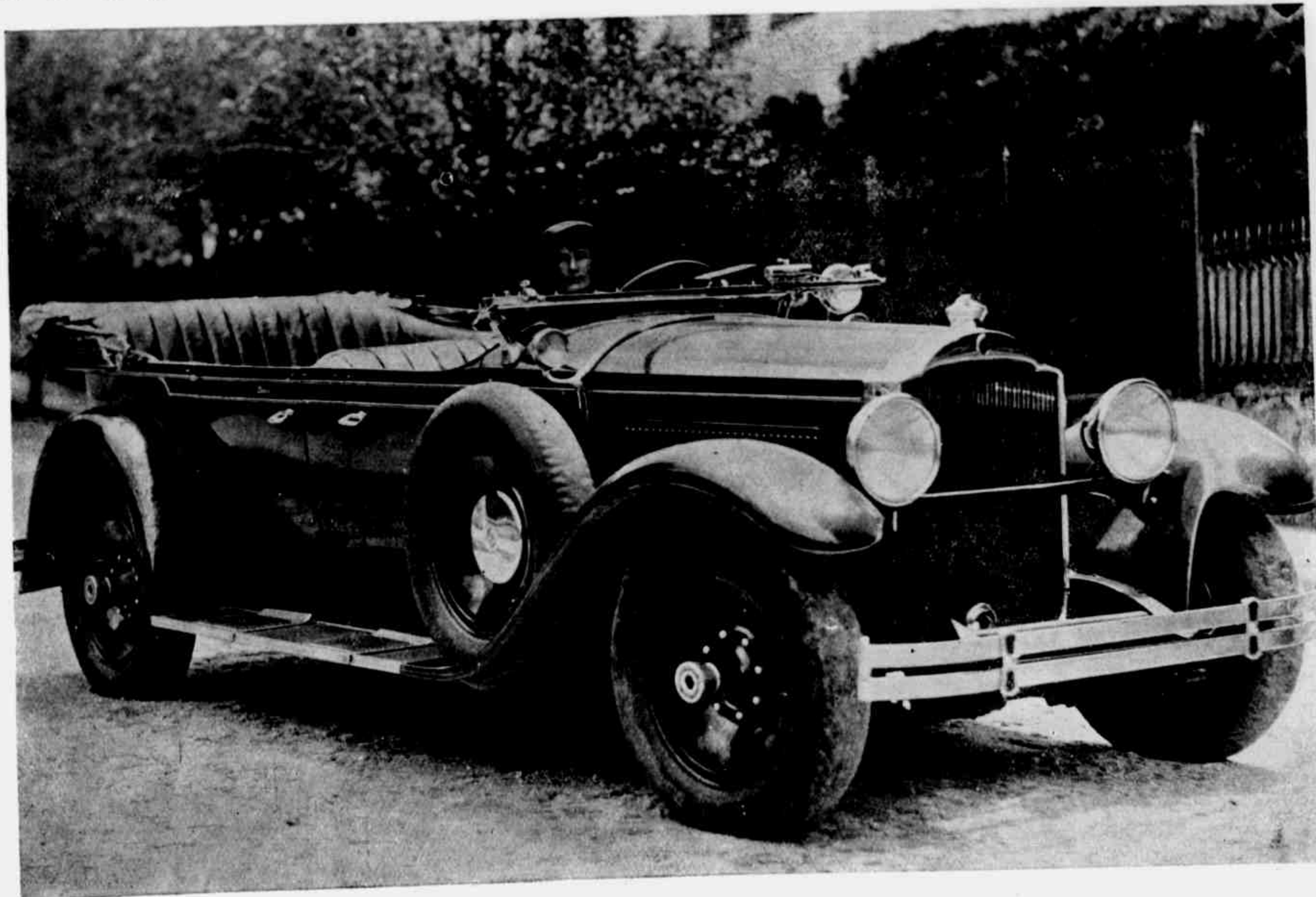
— Muito bem. Sabe que fui reeleita? E vou inaugurar tres placas: de Rio Branco, de Ruy Barbosa, da princeza Isabel.

— E vae dar-me notas especiaes para a "Illustração Brasileira"?

— Com muito prazer.

Consultei o relogio. Não me podia demorar mais, apezar de ter pensado que me não demorára coisa alguma. Já a chuva, costumeira, de todas as tardes, cahia. Um minuto para o trem partir... Um adeus apressado... a promessa de voltar... E, cá em baixo, a cidade ainda banhada pelo sol que estivera todo o dia a castigar os que daqui não se arredam, porque não pódem ou porque não querem...

A L B A   D E   M E L L O

Dona Nair de Teffé Hermes da Fonseca, um dos seus doze cães e o seu automovel elegantissimo.

Uma outra razão

Debatem os jornaes a questão do theatro. A situação não póde ser peior, todos os emprehendimentos fracassam, só ha um theatro aberto, o Recreio. A industria soffre as consequencias de uma prolongada e grave crise economica. E a molesta ainda mais uma onda de derrotismo.

Procura-se explicar o facto de mil modos. Ha uma porção de culpados, — a critica que é mentirosa e laudatoria, o artista que não respeita sua arte, o publico que não applaude nem pateia, o empresario que é ignorante e apoucado de intelligencia, o autor que não possue idéas proprias, o cinema que é mais barato e diverte mais, o desconforto dos nossos theatros, o calor que faz, a chuva que cáe, os bairros residenciaes muito afastados do centro, mil e uma cousas, emfim, que sempre existiram sem que deixasse, por isso, de haver theatros. E cada qual emitte sua opinião e a apoia em bons argumentos, sem que ninguem encontre o remedio salvador, pois que a crise é, cada vez mais grave.

Em uma das minhas chronicas de "Para Todos..." pugnei pelo barateamento do preço das localidades, tornando o espectaculo theatral accessivel a todas as bolsas, acceitando, aliás, a suggestão de um artigo do "Diario de Noticias", de Lisbôa. Não fiquei, porém, nas palavras, com um posto de mando na "Cocktail Nights" que o publico tanto applaudiu no Theatro Casino, fixei em cinco mil réis o preço da poltrona e tivesse havido maior affluencia de espectadores o teria abaixado para quatro e tres mil réis.

A má occasião em que o negocio foi lançado não permittiu chegar áquelle extremo que ia permittir uma efficiente concorrencia do theatro ao cinema.

A experiencia dos 24 dias de existencia da "Cocktail Nights" poz a nú outra razão da situação de desespero do theatro no Rio, razão que é a maior e talvez, a unica de peso e valor decisivo. O theatro morre ás mãos da gente de theatro, essa é que é a verdade.

O artista theatral, no Brasil, ainda é, salvo raras excepções, uma somma de vaidade e ignorancia; as classes annexas, apoiadas em sociedades de resistencia, são, tambem, intrataveis.

Em uma época de absoluta falta de dinheiro e de ausencia de publico, as classes theatraes, as primeiras e maiores interessadas na manutenção de theatros abertos, deviam, se solicitadas, baixar seus salarios ao minimo, em um esforço conjunto para salvar o negocio que lhes dá o pão para a bocca.

Não é essa a sua attitude.

Querem receber o que sempre receberam, e que, quasi nunca, é o que valem, pois que os salarios são formados arbitrariamente, ao sabor da filaucia de cada um em meio artisto pobre e desarticulado.

Entendem que, se em época prospera um empresario abonado lhes pagou 2 contos por mez, não podem transitoriamente, em momento de crise e de bancarrota commercial, ganhar um conto.

Isso seria a deshonra...

Preferem, como alguns me declararam, ir para a casa, esperar por negocios futuras, que podem vir daqui a um, dois, tres, quatro mezes, a transigirem. E, ou passam fome, ou *mordem* os amigos, ou sacrificam o dono da casa ou da pensão, o açougueiro, o padeiro, o vendeiro...

Nada os convence e é assim de alto a baixo, a começar do dono do theatro e a terminar nos homens da limpeza.

Não foi por outra razão que pereceu esse emprehendimento promissor que era a "Cocktail Nights".

MARIO NUNES

Roberto Rodrigues não morreu todo. E hoje, no saguão do Lyceu de Artes e Officios os amigos delle vão revel-o, com saudade e com orgulho, através dos desenhos extranhos, nos quaes ficou aos pedaços aquella vida que não tinha trinta annos e era millenaria.

■

Quinta-feira, 20, o grande pianista hespanhol Tomás Terán dá um recital no salão Santa Cecilia, em Petropolis. E' a primeira das seis recitas que o Theatro de Brinquedo vae realizar lá.

Tomás Terán — retrato a oleo por J. Roca

Volumosa, no cône de luz do projector, como uma mosca captiva num cartucho, ella agita dois braços curtos e esbordoa o coração alcochoado, emquanto lhe cáem da bocca gritos que o trombone, em vão, se esforça para abafar.

Chanteuse á voix, diz o programma, que, não querendo se compromettter, abstem-se de qualificar a voz.

Ella gane uma estrophe para o lado do jardim. Pesadamente, muda de lugar e ronca, a segunda para o lado do pateo. Sem duvida, a ducha luminosa, que a innunda, incommoda-a. Quer ir cantar no escuro; mas, implacavel, o projector a persegue.

Victor Hugo, que escreveu sobre o Music-Hall um poema intitulado: *(es Djinn's, — and partner, —* pintou assim a cantora *à Voix*:

Elle brame
Comme vue ame
Qu' une flamme
Toujours suit.

Com um ultimo berro, tão prolongado que, por um instante, tem-se esperança que a cantora se esvasie, ella curva-se, tanto quanto lhe permitte o collete, envia aos espectadores alguns sorrisos gordos e retira-se.

Como se apenas esperasse a partida da cantora a orchestra começa os susurros de uma marcha que o compositor sem imaginação animou com *tchim-buns* symetricos. O chefe, da orchestra, distrahido, agita mollemente, acima do ruido, uma batuta desabusada.

Monogrammas vermelhos se illuminam á direita e á esquerda do palco. O panno de bocca, que uma mysteriosa tempestade balança, deixa entrever, por instantes, os sapatos dos machinistas. Atraz desse velludo movediço, misturam-se exclamações e ordens, em termos que só ali são comprehendidos.

Depois, uma lampada se ascende, de repente, no nariz do regente da orchestra e elle, despertado, interrompe categorico, os musicos, como se fechasse bruscamente uma torneira. UM supremo *tchim-bum* estrangula-se na garganta do piston.

Com os compassos tremidos de

uma valsa hespanhola, surge um athleta, louro de cabellos, rosado de pelle, verde de maillot. Uma das mãos sobre o estomago, comprimen-

ta tres vezes; dirige-se para um movel nickelado, de apparencia cirurgica, collocado no meio da scena. Previu, com certeza, que o trabalho sen-

do perigoso, poderia ferir-se e, com antecedencia, mandou buscar a mesa de operações.

Experimenta a mesa, deita-se de costas, levanta as pernas; mas, em vez de cirurgião, entra uma menina que o operado atira ao ar com grandes ponta-pés. E o publico barbaro applaude os máos tratos.

Desfilam, em seguida: um homem-serpente, enrollado como um novello de barbante; uma dansarina hespanhola que varia os vestidos e os scenarios mas não varia a dansa; um domador que apresenta uns tigres de máo cheiro, feitos de borracha e cobertos de velludo; doze *girls* symetricas, todas irmãs gemeas; dois excentricos desparelhados; um tenor automatico, de casaca verde; um hercules hindú que engana a assistencia com obuses de 240; prestidigitadores chinezes, cantores russos, equilibristas arabes, um calculista da Nova-Guiné...

Panno! Musica! Sahida!

* * *

Numa ruela suja, por um corredor humido que as experiencias culinarias da porteira empestam com um terrivel perfume de couve, insinuam-se sombras. Um pharol miseravel illumina, no alto de uma porta, as palavras:

ENTRADAS DOS ARTISTAS

E' por ali que os artistas sahem.

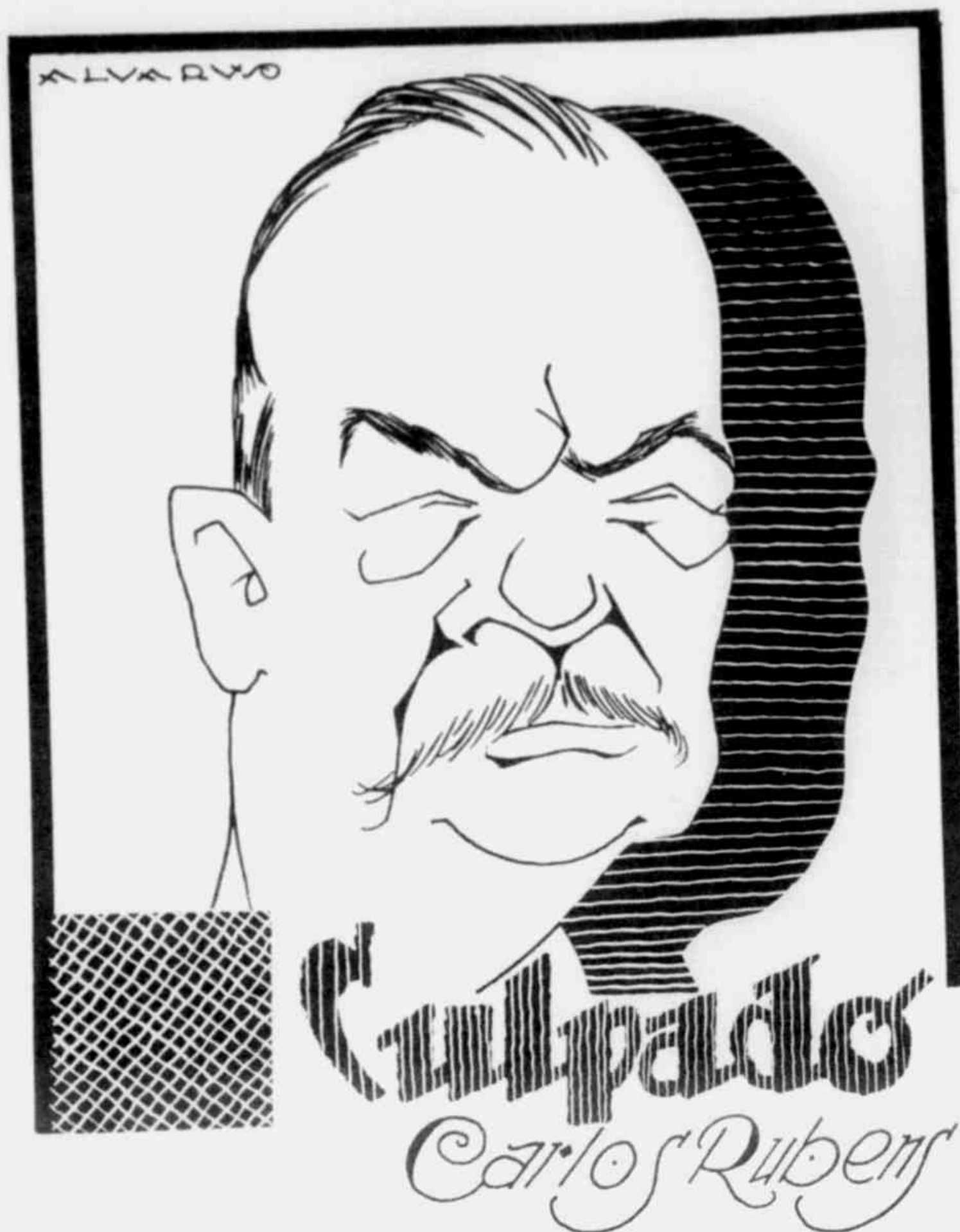
As *girls* que abandonaram o parentesco nas mesas de *maquillage* dispersam-se, rumo de bairros exquisitos. Os excentricos, que, sem a peruca são irmãos, partem de braço dado.

O calculista da Nova-Guiné grita para o artilheiro hindú, que carrega os obuzes, desmontados, dentro de uma pequena mala de mão:

— Olá! Polyte, vaes para a guerra?

O homem-serpente é o unico que demora: esqueceu-se de numerar os membros e não acerta mais. Melancolico, coça a cabeca com o dedo grande do pé esquerdo, que lhe sahe da axilla direita e procura o umbigo extraviado entre os omoplatas.

ANDRÉ RIGAUD
ESCREVEU

JACQUES TOUCHET
ILLUSTROU

QUANDO Manoel d'Albernaz chegou de sua fagueira terra minhota, tinha quinze annos e trazia, com uma fremente ambição de enriquecer sem demora, uma carta de certo "brasileiro" Antonio Vaz para um socio de Borges Carvalho & C., da rua do Mercado Novo.

Admittido no armazem de seccos e molhados, procurou seguir todas as instrucções que recebera antes de partir para cá e fez-se um empregado esforçado e servil. Como era dever de um empregado de Borges, Carvalho & C.

Para não alugar casa, arranjaram-lhe, no sotão do predio colonial, dormir com um outro patricio. O patrão lhe disse logo no segundo dia, numa prosodia que lhe despertava já saudades das quintas conterraneas:

— O senhor não precisa morar fóra. Morará, por emquanto, lá em cima, com o Joaquim. Compre uma cama e arrange-a como entender.

Comoveu-se o joven minhoto e, tomando da quantia que o patrão lhe entregava, correu por indicação do companheiro, á rua Senhor dos Passos.

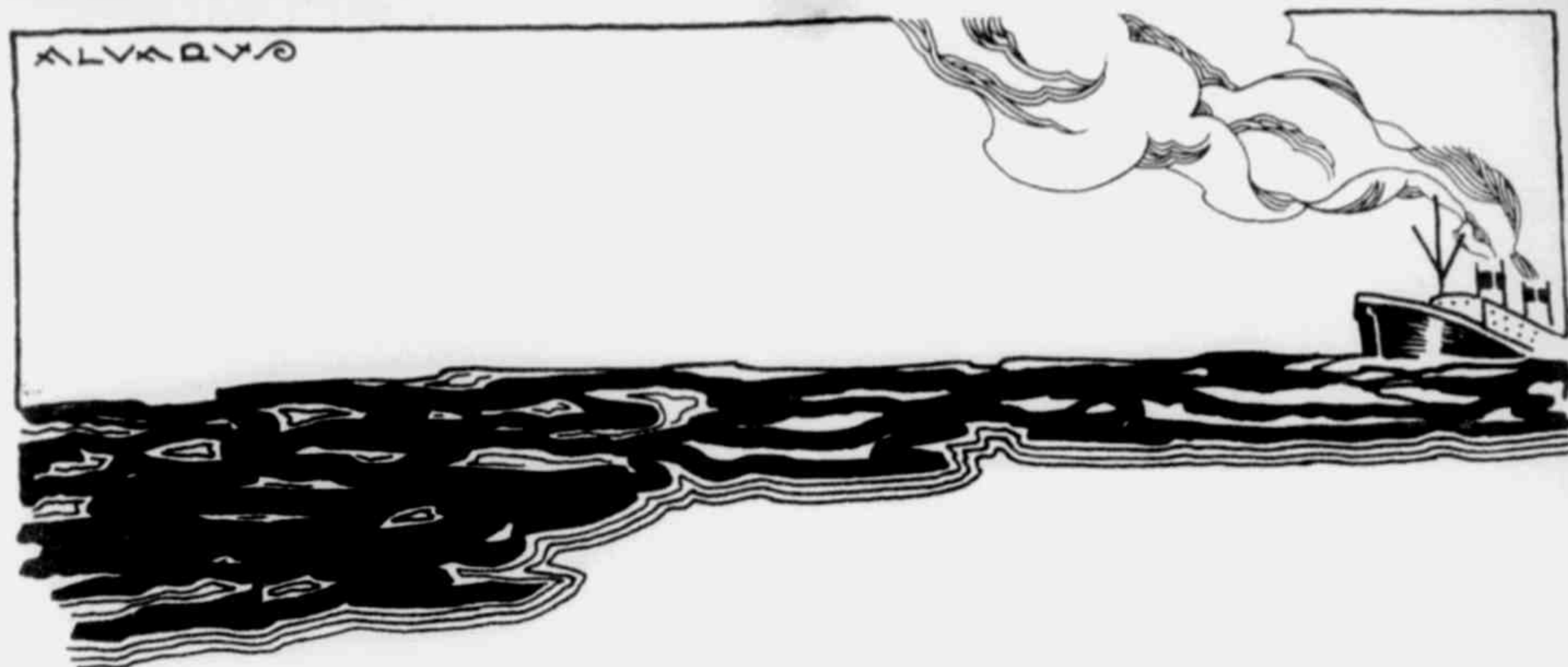
A quantia recebida era diminuta, o que o obrigou a bater em muitas casas; deu, porém, para adquirir uma cama de ferro e um colchão ordinario, que elle mesmo poz á cabeça e levou para o sotão da rua do Mercado.

Esse gesto economico de Manoel d'Albernaz foi recebido com agrado dissimulado pelo seu protector. E o joven do Minho, cheio de sonhos, começou de trabalhar como um mouro, não olhando serviço, economizando mais do que devia, na obstinação judaica de enriquecer, passando a caixeiro e dez annos depois a socio interessado e a socio. Integrava-se assim na acreditada firma Borges, Carvalho & C.

———

Vivendo para os negocios, resumindo o mundo á orbita real das transacções commerciaes, ambicioso de lucros altos, para cuja obtenção fechava a consciencia a escrupulos e vergonhas; Manoel d'Albernaz, que não tinha familia, já possuia alguns contos, que invertia em varios negocios de resultados fabulosos e certos. Enriquecia.

Os prazeres amorosos eram para elle como theatros fechados. O amor não o seduzia nunca. Não frequentava diversões. Só tinha sensibilidade para o dinheiro. Vivia para o dinheiro que ainda não estava em sua bolsa. Só no dinheiro resumia sua vida.

Com trinta e cinco annos, Manoel d'Albernaz, "proprietario e capitalista", viu-se casado com a filha de um industrial de São Christovam e fôra morar no proprio bairro, em casa que construira ao gosto precario da mulher.

Constituira familia sem sa-

ber por que. Insensivelmente. O casamento não lhe dera sensação extraordinaria. Sensação sentira-a, sim, quando lhe nascera o primeiro filho, que elle e a mulher combinaram se chamaria Manoel. Veiu-lhe outro rebento um anno depois.

Aos cincoenta annos, Manoel d'Albernaz estava viuvo. Morando na casa de São Christovam com os dois filhos, moços de cuja educação não cuidava sufficientemente, por falta de noção dessas cousas. Por incultura. Deixara-os sahir da meninice para a juventude, frequentando collegios até o curso secundario; depois entraram, ora a cuidar um pouco dos negocios paternos, ora de empregar-se hoje para deixarem o serviço amanhã á primeira observação dos superiores.

A educação falha, a ausencia de um lar completo em que se apurassem o caracter de ambos e a ambos orientasse em directrizes moraes integras, fizeram-nos rebeldes e sem apego ao pae.

Jogavam "foot-ball", faziam-se "habitués" de "dancings", imitavam no trajo certos galãs de cinemas, interceptavam o transito no passeio da Avenida, á tarde, dirigindo galanteios pulhas ás mulheres. Esbanjavam a fortuna que não haviam conquistado com o trabalho.

Sahiam quando entendiam, e entravam ás horas altas. Dias passavam sem ver Manoel d'Albernaz. Vezes entravam perturbando o somno calmo do velho.

Certa madrugada, o capitalista accordou em sobresaltos. Havia ladrões em casa, foi a idéa que teve instantaneamente. Com o barulho que logo se fez, reconheceu que era um dos filhos que chegava.

Indignado, foi ao dormitorio dos rapazes.

— E' preciso acabar com esta vida, senhor Manoel. Isto como vae não está direito. E' só pagodeiras, farras, dissipações. Vida de vagabundos. E nem ao menos me deixam dormir socegado.

O outro filho que dormia accordou com a voz paterna revoltada no desabafo da reprimenda. O que ouvia, de pé, estava contrariado.

— De amanhã em diante não permittirei mais essas orgias. Essas indecencias. Só quem manda aqui é um: sou eu. Fiquem sabendo os senhores.

Approximando-se-lhe, berrou quasi ás suas faces, o filho mais velho:

— Deixe-se de luxos, meu pae. Nós somos moços. Gosamos a vida. O senhor é um labrego. Um mondrongo. Depois, nós estamos gastando o que o senhor ganhou aqui no Brasil... o que o senhor roubou aos brasileiros.

A estas palavras Manoel d'Albernaz investiu sobre o filho, em cujo auxilio viera o outro, empurrando violentamente o pae, que cambaleou transido de sentimento e de medo. Mais de sentimento do que de medo.

Encaminhou-se para o quarto tropego e humilimo, tremulo e chorando. Acabrunhadissimo.

— De quem a culpa de tudo aquillo?

Atirou-se sobre a cama e não dormiu. Levantou-se. Andou pelo quarto. Sentou-se. Toda a sua existencia de labor animal e de sacrificios, de trabalho e persistencia, cosmoramicamente passava diante da tristeza pungitiva dos seus olhos sem lagrimas, como uma procissão de pesadello e agonia. E revia-se pequeno e orphão no amanho duro das terras minhotas, depois na terceira classe de um navio com dezenas de outros emigrantes, navegando para o El-Dourado, a chegada ao Rio, a ida para a firma Borges, Carvalho & C., a luta titanica, sem treguas, dia a dia, para economizar, accumular; o casamento, os filhos, a viuvez, até chegar a situação a que chegou e na qual pretendia morrer, sem trabalhos e contente.

Quando a manhã seguinte desabrochou, o velho Manoel d'Albernaz estava ainda accordado, sereno calmo senhor de si mesmo.

A's 10 horas, preparou-se para sahir e mandou chamar os filhos. E, sentando-se á frente delles, disse-lhes com uma naturalidade que trahia a maior magua da sua vida e um proposito firme:

— Meus filhos: vocês é que têm razão. E' verdade. Eu sou um homem sem entendimento. Inculto. Um pobre diabo. E enriqueci roubando aos brasileiros. Roubando a vocês...

Manoel d'Albernaz disse isso em tom quasi affavel. Olhando os filhos que não o encaravam. E concluiu:

— Vocês é que têm, effectivamente, razão.

Levantou-se, pegou o chapéo e sahiu.

Uma empresa canadense vinha-lhe offerecendo, de ha tempos, insistentemente, duzentos contos por um terreno. Elle recusava sempre. Exigia quinhentos contos. Por menos não fazia negocio. Correu á empresa, nesse dia, e recebeu os duzentos contos. Vendeu por quanto foi possivel, no prazo mais breve, todos os predios, inclusive o em que morava, em São Christovam. Retirou o dinheiro que tinha em bancos, liquidou todos os negocios. Enviou uma dezena de contos para o seu paiz e doou a fortuna a casas de beneficencia lusitanas.

Dias depois, numa tarde, á Praça Mauá, um compatricio encontrou Manoel d'Albernaz que ia embarcar no **Southern Cross.**

— Que é isso? Que viagem é essa?

O velho explicou rapidamente, escondendo a amargura que lhe incendiava o coração, a scena com os filhos e a resolução que tomara.

— Fiquei apenas com o sufficiente para viver descançado, na minha aldeia, mais alguns annos. E' o bastante.

—E os rapazes?

— Ainda não sabem de nada. Vão ter uma bôa surpresa, os patifes.

E embarcou. Meia hora após o **Southern Cross** rompia a neblina crepuscular e seguia barra fóra, levando no seu bojo a amarfanhada, desgraçada velhice de Manoel d'Albernaz.

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE

BRASIL GERSON

(CONTINUAÇÃO)

SCENA VI

OS MESMOS E EVARISTO

Evaristo — (Já mais trenado na vida, de casaca, entra e admira-se, vendo no Barman o mesmo porteiro do segundo acto. (Abraça-o) Você por aqui, Jacob?

O Barman — Doutor! Ha quanto tempo!

Evaristo — Você é garçon?...

O Barman — Sou o dono...

Evaristo — Com que capital?

O Barman — Com as gorgetas que elles me deram...

Evaristo — (Um novo abraço) Dá outro abraço! Você é um batuta!

O Barman — Quer beber alguma coisa, doutor? A casa é sua.

Evaristo — Alguma coisa? Muita coisa! Embarco amanhã para Madrid. Vou buscar o dinheiro. Hoje é a despedida. Vou fechar o tempo.

O Barman — Quantas champagnes no gelo?

Evaristo — O que tiver no stock!

O Barman — Você tambem é um batuta!

Evaristo — Somos dois!

O freguez — (Que estava calado) Este vodka tambem não é russo?

O Barman — A bebida é russa, mas é feita em S. Paulo.

O freguez — Oh...

A fregueza — Por um russo anti-communista?

O Barman — Quero vêr a garrafa... (Pega numa garrafa e mostra) Não... Aqui está escripto em italiano: "Vodka speciale. Fabricazione de Gennaro Andreoni, rua Caetano Pinto, Braz"...

O freguez — Oh...

A fregueza — Eu já estava vendo flocos de neve da Russia na garôa que cahiu no meu chapéo...

O pianista — Para que os senhores perguntaram? A gente nunca deve perguntar.

O freguez — Quanto custa tudo?

O Barman — Dois vodkas? Um mil réis...

Freguez — E a philosophia do pianista?

Pianista — (Com um pires na mão) A' vontade do freguez...

Freguez — (Levanta-se e deixa uma moeda na mesa e outra no pires.) Bôa noite.

A fregueza — (Seguindo-o) Bôa noite...

O pianista — Quando fôr feliz não pergunte nada a ninguem.

O freguez — Porque?

O pianista — A felicidade não conhece o "porque".

Evaristo — Porque é uma suggestão.

O freguez — Obrigado pelo conselho... Bôa noite.

Os outros — Bôa noite.

SCENA VII

EVARISTO, BARMAN, PIANISTA

Barman — O doutor não conhece o pianista? (ao pianista) Franz, este é o doutor Evaristo Casanova. Tirou uma porção de mil contos na loteria.

O pianista — Muita satisfação! O senhor não paga um chopp?

Evaristo — Não me peça um chopp... Peça logo um barril.

O Barman — Agora eu não tenho mais chopp. Eu ponho em cima do piano duas garrafas de cerveja. Está bem assim?

O pianista — Vinte cinco... Posso pedir 25 doutor?

Evaristo — Trinta! Quarenta! Cincoenta! (O Barman vae pondo as garrafas em cima do piano) Hoje eu vou fechar o tempo! Quero fazer uma farra!

O **pianista** — (Abraçando Evaristo) Este é um brasileiro legitimo!

SCENA VIII

OS MESMOS e LOLITA

Lolita — Evaristo!

Evaristo — Lolita!

Lolita — O que é que você veiu fazer aqui?

Evaristo — Ando á procura de ambientes bizarros. Entrei, gostei. Vou ficar.

Lolita — (Vendo o Barman.) Jacob! Você tambem? Como a gente se encontra. Parece que o mundo é tão pequeno... Onde é que você estava, Evaristo? Andei o dia inteiro á sua procura...

Evaristo — Onde eu estive... A pergunta é muito indiscreta... Onde eu estive... onde havia de estar?

Lolita — No amor...

Evaristo — Isso! Amando! E' muito grande, Lolita, o numero das mulheres que me amam. Antigamente eu não sabia o que era essa palavra... amor... Hoje o amor fez de mim a sua cabeça de turco. Todo o mundo me ama. E' uma vida horrivel! Estou exgotado! Olha só... (mette a mão no bolso e tira um maço de cartas, que joga fóra.) Cartas de amor...

Lolita — (Pegando-o pelo braço) Amores indignos de você, Evaristo... Mulheres que não te sabem amar... (sentam-se) Vamos beber?

Evaristo — Champagne!

O Barman — Qui, monsieur! (Serve.)

Evaristo — A' nossa!

Evaristo — Todas as mulheres estão aos meus pés, Lolita! o que eu era hontem... O escriptorio da rua Florencio de Abreu... 500$000 por mez... um bigode feio. Ainda me lembro de quando dona Izabel cortou o meu bigode... Até cantaram a "Vecchia Zimarra"... O Tobias e o Bernardo... Onde estão elles? Nem sei... Fazendo a pequena vida... Burguezinhos... O que eu sou hoje... O homem do dinheiro... das mulheres... que manda abrir champagne...

Lolita — Você tem tudo, Evaristo. Mas não tem nada... Falta o principal... Aquelle amor que é toda uma vida... (ao pianista) Um tango! (o pianista toca) Aquelle amor que faz a gente pensar... E que fica vivendo depois numa grande saudade quando morre...

Barman — Que vale a nota sem o carinho da mulher?

Evaristo — E onde é que está esse amor, Lolita?

Lolita — Olha aqui nos meus olhos...

Evaristo — Está ahi dentro?

Lolita — Está...

Evaristo — Você me dá para mim?

Lolita — Sempre foi teu...

Evaristo — Como é que eu não tinha ainda visto?

Lolita — Você tem tantas mulheres para vêr...

Evaristo — Você diz uma verdade. São tantas... Mas no meio de tantas, ha sempre uma que chama mais attenção... E essa tem uns olhos... Que Olhos, meu Deus!

Lolita — Eu sei quem é, Evaristo?

Evaristo — Os olhos são os teus... Se a mulher é você, eu não sei... Bebe mais.

Lolita — Meu amor... (com ternura) E' a primeira vez, Evaristo, que eu digo esta palavra amor com o coração nos labios e nos olhos...

Evaristo — (Apertando-lhe a mão, commovido) Obrigado!

Lolita — Você me leva então amanhã ao Municipal?

Evaristo — E' uma honra para mim, Lolita.

Lolita — De frisa?

Evaristo — Alugo o theatro para nós dois.

Lolita — Eu quero uma frisa. Nós dois bem juntinhos na frisa...

Evaristo—E a musica a tocar...

Lolita — Agora eu me lembro... Não posso ir, Evaristo...

Evaristo — Por que?

Lolita — Perdi a minha pelle... Aquella que eu tinha no hotel...

Evaristo — Então isso é motivo para um homem como eu?

Lolita — Você compra outra?

Evaristo — Escolha e ponha na minha conta!

Lolita — Eu já escolhi... Sabe quanto custa, meu amor? (Isto é dito com muita emoção).

Evaristo — Um conto?

Lolita — (Depois de um gesto de seducção) Vinte...

Evaristo — Ponha na minha conta!

Lolita — Meu amor... Você é o primeiro homem que me comprehende...

Evaristo — Obrigado!

SCENA IX

OS MESMOS — Um tomador de Chopp

O tomador de Chopp — (Entra, senta-se e pede chopp, e a valsa da Viuva Alegre.)

O pianista — (O pianista toca a valsa. O Evaristo Casanova já está muito bebido, e o autor da peça deixa por conta do director de scena daqui por diante, as coisas engraçadas que elle resolve fazer.)

SCENA X

OS MESMOS — dois HOMENS COM VIOLÃO

(Os dois, homens, um é nacional, outro tem cara de argentino.) Bôa noite, senhores! Chopp!

Lolita — O senhor não quer cantar um tango?

Tocador de violão — (Faz as escusas da praxe, mas depois toca e canta. A scena fica animada. O outro tocador toca e canta uma modinha nacional, com todas as attitudes. O Dr. Evaristo está sempre no meio, expansivo e feliz e offerece bebidas caras. A scena é uma bagunça. E o velario se fecha no momento em que Evaristo estiver mais imponente.)

EPILOGO: — (O vendedor de bilhete apparecendo na cortina com a lista na mão) Senhores, quem tirou a sorte grande foi o patrão! (e sae pela esquerda.)

Evaristo — (Como no primeiro acto, com o bigode, um livro grande debaixo do braço, o guarda-chuva, triste, atravessa a scena rasgando o bilhete de Loteria, e o panno cae.)

(FIM)

NOCTURNO DA RUA TRISTE
Gravura em madeira de Oswaldo Goeldi

O Director do Departamento Nacional de Ensino, Professor Aloysio de Castro, e o Deputado Afranio Peixoto visitaram o Curso de Dansa da Escola Padua Soares. Elles estão na photographia com a Directora D. Elisa Padua Soares, os Professores Pierre Michailowsky, Vera Grabinska e as alumnas do Curso.

Pá de cal

Chapéos e cabeças

A moda, quanto mais extravagante,
Mais agrada o bom gosto do freguez.
Agora é tempo de chapéo collante
Que certo vae mudar dentro de um mez.

Era outróra o chapéo bem mais galante
Palha de Italia... mas morreu de vez.
Dava a impressão de primavera estuante
De luz, de som, de côr, de candidez.

Felizmente, porém, tudo isso passa
Porque a Moda é mulher; esvoaça, esvoaça
Em torno de obcessões originaes.

E o commentario anda de bocca em bocca:
— Para cobrir uma cabeça ôca
Um chapéo pequenino é até demais.

Fascismo versus Moda

A dictadura italiana invade
As camadas mundanas e protesta:
— Que a moda em vez de crear mais novidade,
Volte ao Passado para ser honesta.

Mussolini que o "meio-nú" detesta,
Quer, sobretudo em roupas, sobriedade.
Porque ao seu paladar, mulher só presta
Fugindo ás normas da vulgaridade.

Tenho medo afinal que a dictadura
Perca de vez o senso e a compostura.
O Mussolini mais se comprometta

E não possa atirar como é da escripta,
Sobre toda mulher que fôr bonita
Qualquer pedaço de camisa preta.

JOÃO DA AVENIDA

Escoteiros do Rio de Janeiro acampados na Quinta da Bôa Vista

Jantar de domingo no Club dos Bandeirantes

Ciranda - cirandinha

Falemos claro, meninas. Vocês nunca sentiram a emoção desta hora. E' melodia, em ponto. Meio-dia de 1º de Janeiro de 1930, anno do centenario do Romantismo. Anno-bom? Anno esplendido...

Aqui, da amurada, mal distingo na espuma bohemia do Posto VI as cabecinhas volúveis de vocês outras, porque eu, de qualquer fórma, daria mesmo a cabeça... Hoje, dia feriado, o banho vae até 13, 14 horas. Alguns rapazes do "Praia" e muitas de vocês, do "Country", na orla do mar, ou nas piscinas semi-discretas e deixam-se ficar nagua — de vinha d'alho — até depois do melodia.

E eu vou pensando precisamente nisso. Emquanto vocês mergulham e revoluteiam garrulamente, adolescentemente, nesta communicativa alegria do primeiro dia do anno, eis-me barra a fóra, face a face com essa Ipanema extasiante e maravilhosa, onde ensaiei os primeiros mergulhos e enxuguei as ultimas lagrimas de sonhador passadista.

Ao passar por Ipanema...

Vocês já viram? Não, não viram.
Ou, si já viram, nem notaram...
Quando vocês se despediram,
quando embarcaram,
e o mar e a terra se afastaram,
e os dois azues se dividiram
e as cousas foram distanciando-se,
alontanando-se,
espiritualizando-se,
praias subtis, e penhas grossas,
campos e céos, paizagens nossas,
cousas tão nossas!...
Vocês não viram, nem sentiram,
o fumo ao longe, um só borrão?
Saudade! Já não fazes mósas,
ou ninguem mais tem coração?!

Humidos olhos, vista turva.
E o mar, e a terra — que esplendor!
Gloria... Flamengo... A Gavea... A curva
do Arpoador.
E o céo e o mar, a immensidade...
E, na alma, noutra immensidade
de céo e mar — esta saudade,
esta saudade e aquelle amor...!

Viajar é esquecer— disse o poeta. Eu, de mim (Nossa Senhora dos Navegantes!) viajo para melhor lembrar e melhor soffrer. Na solidão das ondas, no lacrimario immenso em que as espumas choram para todos os lados e direcções, a gente acaba se convencendo de que não vale, deveras, a pena de chorar. Nem o mar é chorão, nem é queixa ou suspiro, o barulho epico das vagas...

Do meu novo ponto de vista (escrevo junto á amurada do passadiço de commando) estou que o marulho do oceano é antes troça — uma troça irreverente das maretas ás paizagens que vão ficando. Mas eu penso em vocês, e nessa adoravel curva balnearia, em que vocês dansam diariamente a ciranda-cirandinha da Adolescencia.

E, por mais que o mar dê o exemplo, não sei troçar, nem "blaguear"... Saudade, saudade! Saudade do Rio de Janeiro, cidade do meu amor!

Desculpem-me, querias meninas, desculpem. Estou atrazado de um seculo. Os meus olhos não se enganam. Ipanema está ahi... Aquillo, ali, é a curva do Arpoador... Mas eu... eu estou no mundo da lua. A data desta chronica deve ser 1º de Janeiro de 1830...

BRAZ GAROTINHO

Embarque para Buenos Aires do senhor Harry Kosarin, representante e procurador, para toda a America do Sul, dos editores de musica da America do Norte.

Em cima: Dulce do Amaral Lebre — 1º Tenente Francisco de Paula Azevedo Poudé, no Rio.

En-la-ces

Em baixo: Maria Apparecida de Freitas — Poeta Paulo Mendes de Almeida, em São Paulo.

Homenagem ao Juiz Edgard Costa no Tribunal do Jury. — Commemoração do Combate da Armação, no Cemiterio do Maruhy. — Posse do commissario da Veneravel e Archiepiscopal Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo. — Desembarque do Sr. Chas H. Pratt, chefe da Casa Pratt, que regressou dos Estados Unidos. — Bachareis de 1899 que mandaram rezar uma missa na igreja de S. Francisco de Paula. — Homenagem dos chronistas carnavalescos ao Ministro Vianna do Castello. — Posse do Dr. Augusto Costallat como director da Assistencia Municipal. — Na ultima Hora de Arte da Academia Brasileira de Musica.

DE TUDO PARA TODOS...

O tonnel das Danaides — Danaus, personagem mythologico, era rei do Egypto e pae de cincoenta filhas todas formosas e prendadas. Invejoso de sua soberania, o seu irmão Egyptius expulsou-o do throno e fez-se rei do Egypto, em seu logar. Danaus proclamou-se, então, rei de Argos, mas não perdoava ao irmão a sua queda do governo egypcio. Resolveu, por isso, vingar-se. E, como Egypcius tinha cincoenta filhos, Danaus deliberou casal-os todos com as suas cincoenta filhas, com a ordem, porém, para que cada uma assassinasse o respectivo marido, na propria noite do casamento.

E assim foi feito. Apenas uma, Hypermnestra, desobedeceu ao pae, salvando a vida de seu marido, Lynêo, que, mais tarde vingou todos os irmãos, matando Danaus e suas quarenta e nove filhas, pois poupou a esposa.

Jupiter, entretanto não poderia deixar passar impunemente a monstruosidade praticada e assim, condemnou as Danaides a encher d'agua, no Tartaro, um tonnel sem fundo...

O tonnel das Danaides é, pois, a interessantissima figura mythologica, que corre mundo para comparar aos filhos prodigos, que tudo dissipam á medida que recebem. E' um tonnel de Danaides uma memoria que nada grava, um coração cujos desejos nunca se contentam, etc...

E E' ASSIM QUE SE ESCREVE A HISTORIA!

Todos nós applicamos essa phrase famosa, quando somos forçados, numa palestra ou numa polemica, a narrar qualquer facto, tal como verdadeiramente se passou e não como corre erradamente de bocca em bocca. Nos versos 131-132, Canto XXX, do Purgatorio, Dante escreve:

Imagine di ben seguendo false, che nulla promission redono intera,

para dizer como as apparencias falsas pódem trahir uma creatura até mesmo perdel-a.

Foi Voltaire que, em uma carta a Mme. du Deffand, escreveu:

"Et voila comme on écrit l'histiore, puis, fiez-vous a M. M. les savants!"

Algum tempo depois, elle poz a phrase na bocca de um dos personagens de sua Comedia **Charlot** ou **La Comtesse de Givry**, acto I, scena 7:

— Et voila justement comme on écrit l'histoire.

O ESTYLO E' O HOMEM é bem uma velha verdade que nunca se conseguirá desmentir. Uma phrase musical, um verso, uma construcção, tudo, mais ou menos, indica o respectivo autor e traduz uma individualidade.

A phrase pertence a Buffon que escreveu no seu Discurso de recepção á Academia:

"Le style est l'homme même", conforme se vê do Recueil de L'Academie de Sciences, pag. 337, publicada em 1753.

AS CARTAS DO BARALHO, segundo uns, foram inventadas pelos chinezes, em principios do Seculo XI, sendo introduzidas na Europa pelas Cruzadas.

Segundo outros, a sua provenniencia é indiana, sendo levadas para a Europa pelos Bohemios ou Mouros.

As primeiras cartas que appareceram na França foram pintadas por Jacques Gringoire, a quem é attribuido tambem o merito de as haver imaginado.

As cartas coloridas appareceram em 1850 pela primeira vez. Já nessa época se faziam com ellas 216 combinações diversas.

Era o jogo que principiava e com elle a respectiva perseguição, que começou com as primeiras medidas fiscaes e reprehensivas no reinado de Henrique III.

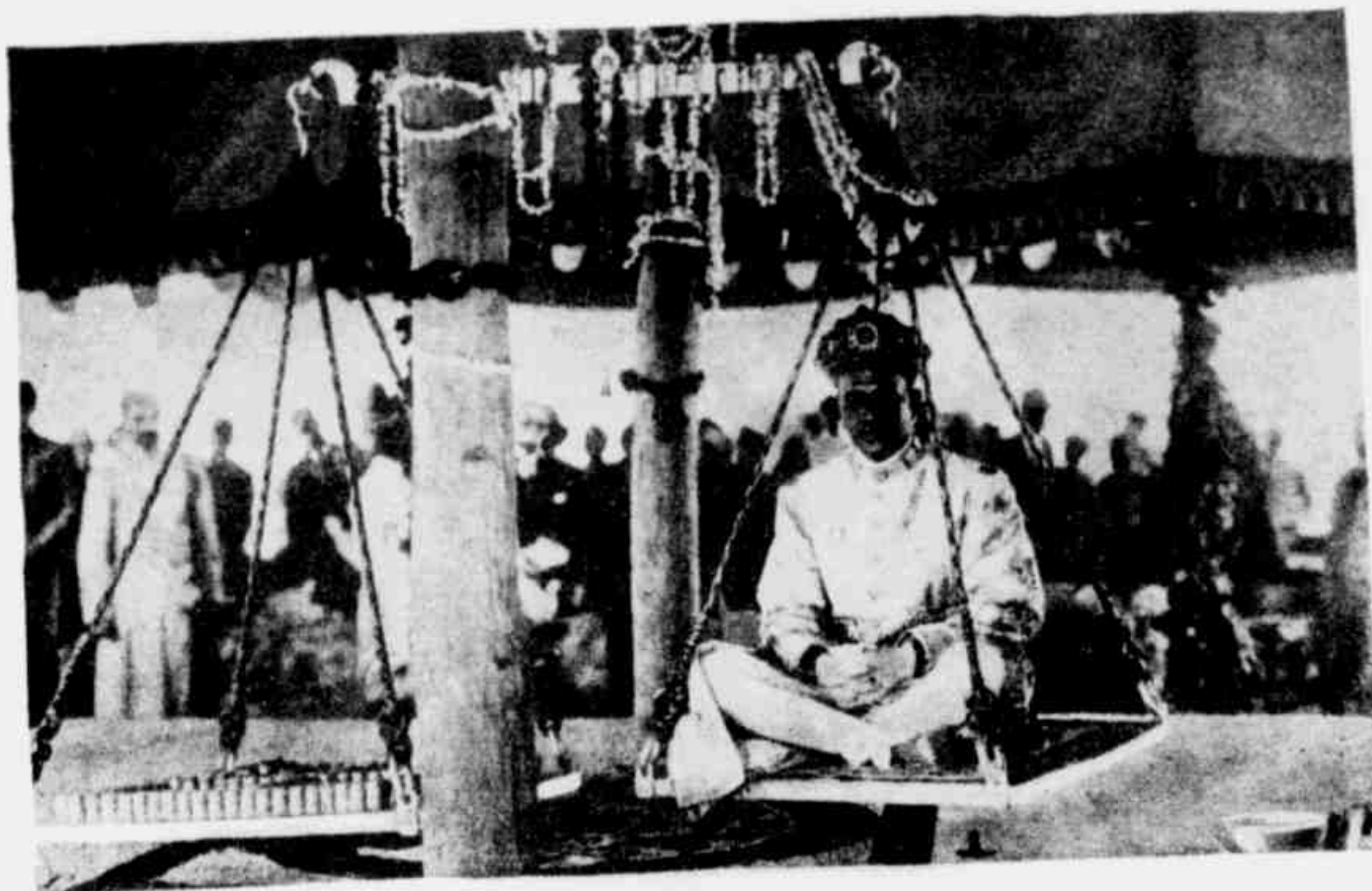
O DESTINO era na mythologia uma divindade cega e inexoravel, a cujo poder estavam implacavelmente submettidas todas as demais divindades.

As suas deliberações eram irrevogaveis, sendo que delle dependia tudo no mundo. Elle era, na verdade, o deus supremo, o deus dos deuses, o deus maximo, pois que Jupiter, que passava por ser o mais poderoso dos deuses, não conseguiu aplacal-o, nem a favor dos outros deuses e muito menos a favor dos outros homens.

Desde o principio da creação, que as suas leis eram escriptas em um logar onde todos os deuses pudessem consultal-as. Em compensação, possuia elle um livro mysterioso, onde escrevia a sorte dos homens, sorte que só era entrevista e revelada pelos Oraculos.

Os ministros do Destino, isto, é, aquelles que tinham a incumbencia de executar as suas ordens eram as Parcas.

Os oraculos ou eram revelados immediatamente, depois que o consulente chegava, ou sómente depois de algumas solemnidades preparatorias, como jejuns, sacrificios, etc.

Geralmenmente, o oraculo era ambiguo, e o duplo sentido de suas palavras era uma de suas armas preferidas.

O maharadja d'Alwar, prometteu dar o seu peso em prata aos pobres. Prometteu e cumpriu. Olha elle ahi se pesando.

DeElegancia

FOI o destas linhas, por muitos dias, e ainda o é hoje assumpto das rodas elegantes, e das elegantes que ficaram aqui, a gozar o verão em Copacabana. Esta é, aliás, das praias de banho, a mais concorrida e a mais "chic". Nos mezes de temperatura alta, os mais bonitos vestidos, os mais resumidos "maillots", o maior numero de "flirts" é em Copacabana. Brincam as mulheres com a areia, fingem que se molham, tem medo das ondas, postam-se horas a fio nas barracas de palestra e de commentario. Assim passam-se tardes, assim se escoam manhãs, e assim tambem passa e se escoa a vida alheia.

Mas as roupas de banho por mais cavadas e curtas, os vestidos por mais transparentes, os "flirts" por mais "acochados" estavam ficando corriqueiros.

Por isso é que, para quebrar tanta mesmice, a moça viajada, habituada a America e as praias europeas resolveu chamar a attenção naquella bella manhã de sol impiedoso. Appareceu de pyjama, um lindo pyjama de seda, bordado a ouro e tons vivos chapéo de palha fina, immenso, alpercatas de pellica doirada.

— Oh! Oh! — diziam os olhos expressivos, commentavam os gestos. Admiração, censura, inveja, muita inveja. E a moça do pyjama conseguiu revolucionar com uma nota assim tão inedita para esse Brasil, a civilizada concorrencia de Copacabana.

Ao domingo seguinte suppuzeram que surgissem imitadoras. Ninguem. E mesmo a dona do pyjama scenographico lá esteve no seu pequeno "maillot" de seda escarlate.

Mas a moda dos pyjamas ficou inaugurada. Talvez mesmo ainda na presente estação, pela manhã, vejamos as que não tomam banho, em vez de se espreguiçarem na areia despidas com as roupas de banho, vestirem-se de elegantes pyjamas, como de praxe, nas praias de Trouville, de Trouville e da America do Norte que, pouco a pouco, se vae impondo como implantadora de costumes, e, agora, se esforça para tomar a Paris o bastão de commando na moda das mulheres.

Continuam a figurar nesta pagina os vestidos de baile, que, nessa epoca de festas carnavalescas — de que "Para todos..." tem cuidado desde o numero de 25 de Ja-

Detalhes indispensaveis á perfeita elegancia.

neiro ultimo, estampando, a côres, bellas fantazias — são mais do agrado das leitoras, e opportunas.

Os de hoje: "manteau de "lamé" ouro e havana guarnecido de pelles; "manteau" de "broché" de seda; vestido de crêpe romano, marfim, enfeitado, apenas, de recortes; vestido de crêpe, setim rosa velho, collar e pulseiras de rubi; dois vestidos de renda preta; vestido de setim flexivel preto, capa a tres quartos do mesmo panno, forrada de *lamé*, e guarnecida de "renard"; vestido de musselina azul de louça, saia em forma e blusa de franzidos na frente presos por uma tira que prende decote.

Vestidos de rua: "tweed" vermelho e amarello — estamparia — crêpe setim preto com recortes do lado fôsco do panno: jersey verde esmaecido com pospontos de metal; crêpe da China preto estampado de dois tons de amarello.

o

Mui proximamente o commercio vae offerecer aos freguezes garantia que, de certo tempo a essa parte se vem impondo: a dos tecidos que se não desbotam com a exhudação, o sol, a chuva e são tambem fortes. E', pois, um grande passo da chimica industrial para a economia do contribuinte: as fazendas tintas com os colorantes "Indant hren".

SORCIÈRE

santes. Trabalhemos duramente, applicando a imaginação, nossos olhos e ideaes para bem comprehender o que a ultima moda offerece; e dessa experiencia nos ficaria a certeza de que devemos banir a que já é passada.

Iremos, adeante, desenvolver, renovar não sómente as apparencias, mas tambem o espirito.

Cada um de nós deve crear um novo estado de conforto, belleza, mentalidade e felicidade.

Estamos batalhando os extranhos detalhes da moda de hoje, com costureiros, sapateiros e chapeleiros.

Alguns dias de ferias por força, nos indicarão o modo como deveremos conduzir essa cousa pela qual tanto se batem as mulheres.

O melhor modo de resolver um problema tão enormemente discutido é estudal-o vivendo-o só.

A solução chegará sem muito esforço.

Devemos esquecer tudo que nos foi ensinado pelos professores de modas, porque essa illustre senhora não é uniforme de collegio.

Os jantares e reuniões dansantes approvarão o encanto dos vestidos longos.

MODA 1930

O tempo vae apagando a lembrança da antiga moda. Vestidos, chapéos, casacos e sapatos, tudo sente a influencia de novas linhas e novas proporções. A moda actual nos fez ver com melhores olhos o sport. Sua magestade, não deu apenas uma grande reviravolta no guarda-roupas. Ensinou-nos, tambem, o rumo das montanhas e das praias. A vida d'agua está muito longe daquella que levavamos.

Acabamos de nos convencer que além das *toilettes* muito rigorosas, existem algumas bem mais interes-

Os sports e as viagens falarão do conforto das novas linhas. O que fôr improprio, ou por qualquer razão, inadequado, cahirá, morrendo como plantas venenosas que ao nascerem são condemnadas á morte..

O que, porém, fizer joven e bello terá a possibilidade de crescer e tomar fundas raizes.

Assim nos convenceremos do poder da moda. Ella mudará o nosso gosto. O nosso gosto mudará a nossa vida. A nossa vida mudará o nosso typo. O nosso typo mudará o ambiente.

Pasta aberta

GATO PINGADO

Gato preto, cinzento, branco, marron... Tenho visto tantos gatos...

Nenhum, porém, me soube impressionar tanto como esse gato pingado: cheio de malhas, friorento, senhor de longos bigodes e patas cabelludas. Bem differente de todos os outros gatos. Deixou-me deveras impressionado. Foi, comtudo, uma impressão exquisita, extravagante até: sentia prazer em vel-o, todas as noites, e achava-o verdadeiramente interessante.

A noite vinha cahindo vagarosamente fria, e eu me dirigia para ali. Certo de encontral-os, (ella recostada ao velho portão de madeira, e esse bichano, em frente, em seu posto de guarda), eu caminhava, mansamente, cantarolando, ás vezes, ante a doçura da vida. Sim, viver é ser feliz; parecia dizer mesmo que sou o homem mais alegre do mundo. Porque a Vida, leitor, embora cheia de pretextos e imprevistos, bem comprehendes, é a realização dos nossos dias. E por mais triste que me possam considerar, terão de mim a recompensa de um sorriso leve.

Conduzido por essa alegria interior, ia ao encontro dessa mulher adolescente, essa creança perturbadora e linda. Nutria por ella um affecto intenso e forte, mais que sympathia, quasi amor. Depois de olharmos esse gatinho silencioso e inoffensivo, começavamos o nosso idyllio.

Lembrarei sempre e sempre que elle ficava a olhar-nos, com olhos chammejantes, firmes, curiosos, acocorado no peitoril da janella da mocinha loura.

— E a tua sinhazinha loura namora sem papae saber, gato pingado.

— Todas as noites lá estavamos. Mas nem percebias mesmo, pobre animalzinho, que ficavamos a olhar-te, horas á fio, procurando adivinhar o que se passava em ti. De quando em quando miavas, quebrando o triste silencio da travessa escura.

— Foste um bom, meu gatinho. Nunca disseste a ninguem que esse moço de olhos grandes e passos silenciosos namoricava a tua sinhazinha loura. Tambem nunca disseste (e eu te agradeço immenso) que eu e essa pequena "flirtista" fomos os mais extravagantes namorados dessa ruazinha socegada...

— Mas eu seria capaz de jurar que não te lembras della.

— Sim, lembrome bem dessa creança. Lembro-me della e da sua ingenuidade encantadora, — dirias. Mas pobre de ti! Nem ao menos aprendeste a falar. Olha, meu vigilante nocturno:

— Essa pequena foi a menina-leviana dos meus sonhos. Como tantas outras, foi o meu brinquedo de papel colorido, o meu brinquedo lyrico das noites de luar. Momentos de illusão e fantasias, inteiramente vividos. Representámos esse amor-creancice, cheio de traços adolescentes de uma leve historia que, infelizmente, o inclemente tempo em breve ha de apagar. Não ha negal-o, entretanto, caro amigo, que eu me sentia impulsionado por essa força extranha, esse desejo vehemente de ficar, ficar sempre, contemplativo, junto dessa estonteante figurinha feminina. E nós, que temos essa necessidade suprema de viver e, se possivel, cantando e sorrindo para a vida, assim fizemos. Sentia-se feliz em contemplar, embevecido, seu olhar imperioso e seus labios humidos de um vermelho gritante. Feliz em apertar entre as minhas as suas mãos de cêra, frageis, pequeninas.

— E depois de tantas mentiras, meu amiguinho, sou forçado mesmo a confessar-te. E seria crime, negar a existencia desse amor.

— Vês? Se aprendesses a falar, deixarias de ser bom. E' em tua mudez de animal desconfiado que deposito toda a confiança, meu gato pingado, meu gato currumiau...

— Assim, ficarás sabendo que essa pequena a quem me vês falar, todas as noites, em frente a tua janella, é a "piva" mais engraçadinha e travessa desse mundo.

— "Se eu te disser" que tambem aprendi contar estrellas...

Sebastião Lopes.

■

"RUA DA SAUDADE"...

O omnibus parou lá no alto de Hygienopolis.

E eu fui descendo aquella rua bonita, tão cheia de recordações suaves e meigas para mim...

Lá estava o mesmo combustor de gaz, que, tantas vezes, com a sua luz clara, illuminou, para encanto dos meus olhos, a deliciosa figura de você...

Lá estava o mesmo portão pintado de verde, em que você, todas as tardes, apparecia, pondo no meu coração ansioso uma alegria radiosa e immensa...

E lá estava, tambem, a minha antiga casa, a minha bôa e velha casa, de cujas janellas quantas vezes eu fiquei a contemplar as janellas daquelle sobrado amarello ali defronte, aquelle sobrado em que você morava...

— Lá estava tudo isso. Mas tudo differente, vazio, tristemente vazio... Tudo isso sem o encanto e a belleza de outróra. Sem a belleza e o encanto de você...

———

Aquella rua sympathica de Hygienopolis tem o nome horrivelmente burguez de um conselheiro qualquer...

Esse o nome que lhe deram.

Mas para mim aquella rua, tão cheia de recordações suaves e meigas, tem um outro nome. Um nome triste, mas bonito: o nome de Rua da Saudade...

Nelson de Lara Cruz

■

LILAC TIME...

Foi pelo tempo dos lilazes...

A minha alma toda vestida de saudade, esperava... Esperava o que? Nem eu mesma sabia... Talvez nada, talvez tanta cousa...

A realização de um desejo? Eu não tinha desejos... A materialização de um sonho, de uma illusão? Eu não tinha sonhos, não tinha illusões...

E eu continuo a esperar... O que? não sei... sei apenas que é qualquer cousa indefinivel, qualquer cousa tão elevada que os olhos humanos nunca poderão perceber...

A minha alma doente, espera sempre... Espera qualquer cousa... qualquer cousa que nasceu pelo tempo louco dos lilazes...

———

A voz constipada da victrola distante começou a cantar uma porção de cousas extranhas... Primeiro foi a historia insinuante de uma "niña" bonita que um "malevo guapo" conheceu, amou e abandonou em um "bulin mistongo" de um longinquo "arrabal porteño"...

Depois outra voz, uma voz dolente como um violoncello enfermo, começou a gemer languidamente por uma seductora Marchita dos paizes romanticos dos mares do sul...

A minha alma, toda cansada, acaba por adomecer...

Mystère.

■

LUARES DA MUSICA

A lua é um disco muito bonito que a victrola-radio do céo gosta de tocar. A musica é quem varia com a poesia dos logares...

Aqui no Rio, por exemplo, a lua é sempre um fox.

Ainda outro dia, passeando pelas praias cariocas, o astro da noite dansava graciosamente o que o "jazz" da vida tocava. E que "jazz"! Era a bateria do movimento intenso da cidade, era a symphonia de todas as victrolas, radios, orchestras que tocavam na occasião, era a melodia do murmurio do mar sobre as rochas, era o falar e o cantar muito doce dos filmes sonoros.

A lua dansava... dansava encantada... Núa, toda núa, como os nús artisticos ali no Theatro Casino. Linda, muito linda, por sobre a Guanabara prateada, por sobre as silhuetas dos morros, por sobre os vultos esguios dos arranha-céos. E agil, excessivamente agil, no setim escuro do céo sem estrellas.

E todo Flamengo, toda Copacabana, todo Ipanema eram caixas de velludo offerecendo á lindissima bailarina, lindos colares de brilhantes...

O Buick na volupia de correr. Vinhamos de volta. Palacetes, hoteis, palacetes, de um lado. O mar num idyllio com a areia, do outro. O pharol da ilha Rasa piscava... piscava... Piscava para as girls que enchiam as praias. Tanto que os boys não podiam esconder o ciume...

E por sobre esta salada de mar côr de prata, de mulheres bonitas, de progresso, de praias bonitas, a lua era o gelo picado.

A lua-musica. A lua-bailarina. A lua-mulher.

Já se distinguiam os letreiros luminosos da Cinelandia: Odeon... Madge Bellamy... Imperio... Gloria... Pagão... Ramon Novarro... Pasta Odol... Capitolio... Phillips...

(Ah! E' verdade! As estrellas do céo estavam, com certeza, todas occupadas nos cinemas da Cinelandia).

Os jardins da Gloria...

Uma nuvem escura envolveu a nudez da lua. Temendo talvez algum resfriamento. E com saudades transportei-me para minha terra. Para os luares de minha terra... Tão brancos que embranqueciam ainda mais o branco de minha roupa! Tão emotivos que nos fazem a alma vibrar sem querer! Tão saudosos que não pódem ser um fox-trot!

Sim. A lua em Pernambuco é uma serenata Uma serenata ao violão de canções amorosas, sentimentaes, doloridas. Uma serenata que ri na alma de uns, que chora na alma de outros e que estremece a alma de todos.

Droguistas presentes ao almoço que a Clinica Industrial Boyer - Meister - Lucino lhes offereceu no Club Germania.

Uma serenata, emfim, de amor, de queixa da saudade, de alegria ao mesmo tempo.

A senhora da noite ouve tudo. Até preces... Até promessas... E ri-se impassivel, graciosa, muito branca, lá do alto, bem perto do céo, como que med'adora de Deus.

Os luares de minha terra...
Luares-confidencias.
Luares-serenatas.
Luares côr de leite.

E não ha duvida:

Os luares de Pernambuco são as noites de lua mais bonitas do mundo...

Hilton Sette.

Clinica Medica de "Para todos..."

DECORAÇÕES NOCIVAS Á HYGIENE DO LAR

As paredes que receberam revestimento de papel, bem como os reposteiros e cortinas de toda a especie, são optimos receptaculos de germens pathologicos...

O forro das paredes accumula, dia a dia, poeiras a valer e obriga a empregar continuamente o espanador, — utensilio que o bom senso condemnou ha muito tempo.

O papel, além disto, abriga muitos insectos nocivos, até mesmo os percevejos, quando as pessoas que se alojam num edificio não têm rigorosos methodos de asseio...

As paredes internas de qualquer residencia pódem muito bem dispensar tão nefasto accessorio decorativo. Pintadas a oleo ou simplesmente caiadas, as paredes offerecem mais segurança hygienica, pois que não é tão facil o accumulo de poeiras, nem reclamam, para a limpeza, o emprego dos espanadores que o panno humedecido perfeitamente substituirá.

As cortinas e os reposteiros interceptando a luz solar e, de alguma fórma, impedindo o arejamento dos aposentos são ainda magnificos reservatorios de poeiras e, portanto, de microbios que produzem enfermidades.

Supprimir taes objectos destituidos de utilidade é contribuir para o saneamento das habitações, tornando a providencia extensiva aos cortinados que são inteiramente dispensaveis nos dormitorios, admittidos apenas os mosquiteiros de fina gaze, quando fôr preciso evitar, por esse meio, a actuação malefica dos chamados "pernilongos".

As alcatifas, tapetes, esteiras, etc., não logram tambem reflectida approvação.

Basta a cera-verniz que impermeabiliza o soalho e permitte que a limpeza seja feita com frequencia, dispensado o emprego das vassouras horripilantes, para dar ás habitações o singelo encanto de tudo que a hygiene põe ao nosso alcance, para uma efficiente defeza da saude.

CONSULTORIO

C. E. L. I. A. (Campinas) — Use, depois de cada refeição principal, "Nuclearsitol Granulado Robin", — a medida que acompanha o vidro, num pouco dagua assucarada. Lave a cabeça, duas vezes por semana, com uma solução de borax, — uma colher (das de café) para meio copo dagua. Diariamente applique, nos cabellos, a seguinte loção: tintura de capsicum 4 grammas, saponite 4 grammas, acido salicylico 5 grammas, tintura de cantharidas 6 grammas, resorcina 8 grammas, hydrolato de rosas 30 grammas, agua de quina 300 grammas, essencia de violetas quantidade sufficiente para aromatisar.

MENINA (São Paulo) — A mamã deve usar "Genatropina", vinte gottas, tres vezes por dia, num pouco dagua fria. Externamente empregará: acido salicylico 10 grammas, amido pulverisado 100 grammas, — em applicações constantes, na região indicada.

A. N. N. A. (Rio) — Basta usar: creosota de faia 2 centigrammas, eucalyptol 10 centigrammas, sabão amygdalino quantidade sufficiente para uma pilula, vindo 18 iguaes, para tomar tres por dia. De 4 em 4 horas, tome uma colher (das de sobremesa) do "Xarope de Gomenol Prevet".

I. D. (Bello Horizonte) — Pela manhã, applicará, em uncções, a pomada de Helmerich e deixará o remedio actuar, durante o dia inteiro. Ao anoitecer, tomará um banho morno geral, empregado o sabonete de ichthyol e sublimado. Internamente usará "Staphylasia Iodurada Doyen" — duas colheres (das de sopa) por dia.

F. A. C. (Recife) — Além dos medicamentos que mencionou e que, segundo a minuciosa communicação, está agindo a contento, deve usar: ferripyrina 6 centigrammas, acido chlorhydrico diluido cinco gottas, pepsina 1 gramma, agua destilada 200 grammas, — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal.

G. M. S. (Camocin) — Digestões anormaes pódem produzir o que relata em sua carta. Use, depois de cada refeição principal, duas hostias de "Panlacto Midy". No momento de se recolher ao leito, use uma capsula "de "Opolaxyl", bebendo, em seguida, meio copo dagua fria. Externamente, empregue: ektogan 5 grammas, talco de Veneza 10 grammas, oleo de cade 10 grammas, vaselina esterilisada 25 grammas, — em uncções, nas regiões alludidas.

A. U. R. E. A. (Rio Bonito) — Não ha motivo para desanimo. A juventude paga esse tributo ás leis naturaes, porém, quasi sempre, acaba triumphando e regularisando as funcções referidas. Durante os cinco ou seis dias que precedem á época esperada use, pela manhã e á noite, uma capsula de "Apioseline Oudin". Si as crises periodicas forem muito dolorosas, use, no momento opportuno: analgesina 1 gramma, extracto fluido de viburnum prunifolium 4 grammas, tintura de valeriana 2 grammas, alcoolato de melissa 15 grammas, xarope de lactuario 30 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 250 grammas, — meio calice de 3 em 3 horas. Passadas as crises use a "Seroderrine", — 3 injecções intra-musculares, por semana.

DR. DURVAL DE BRITO.

FANTASIAS PARA O CARNAVAL

(DO NUMERO PASSADO E DESTE NUMERO)

POLICHINELLO — Casaco de setim branco e vermelho, calça de setim branco listrada de preto e "rouchés" de setim vermelho.

GAROTO — Blusa á marinheira de seda azul, góla e punhos de cambraia de linho branco. Calça listrada de setim rosa salmon, faixa e gravata de seda lacre.

GAROTO — Calça de setim azul, blusa de cambraia branca e guarnições de quadrados vermelho e branco.

PINTINHO — Taffetas ou setim amarello gemma de ovo. Babados de renda tinta de amarello formam pequena saia, "casquette" de pellucia amarella com um bordado de seda rubi formando bico.

FANTASIA — Sobre a saia de babados de musselina rosa um corpete e drapeado de taffetas preto "ciré". Costas núas e decote rematado por contas de vidro rosado. Chapéo Niniche.

TREVO — Uma linda combinação de setim branco para o drapeado, musselina ou filó de seda para o babado da saia, e trevos de setim verde.

ROCOCO' — Collete de setim rosa-rôxo, mangas de "linon", punhos, "jabot" e calça de renda branca. Laços de velludo preto e cabelleira branca.

ARLEQUIM — Lindissimo costume de setim branco com applicações de varias côres. Góla de filó de seda tambem de diversos tons.

ORIENTAL — Musselina de seda e setim brilhante rosado carne.

ARCO DA VELHA — Tonalidades vivas para os babados graciosos da saia. Musselina de seda ou filó tambem de seda.

CHAPÉO DE JUDEU — Setim rosa, lenço e saia de setim vermelho estampado de branco orlado de preto.

PIERRETTE ROCOCO' — Para loura ou morena, esta fantasia é encantadora: velludo preto e filó de seda branco; pompons preto e branco.

RAINHA DE COPAS — Setim branco, renda de seda tambem branca e copas de velludo vermelho lacre.

HELIOTROPO — Rôxo claro para a orla da saia estampada e para remate de decote do corpete tambem estampado. A flor caracteristica num grande tuffo no chapéo de largas abas.

EXCENTRICAS — **Jogo de damas** de seda branca e preta, gravata, faixa, babado, meias e guarnição da cartola de seda encarnada.

Setim branco guarnecido de tiras de setim vermelho, verde, azul. Pequena saia aberta por um arame flexivel.

Setim branco e preto, pompons das mesmas tonalidades, assim como o filó que guarnece o pescoço.

Seda listrada de setim brilhante; faixa e babados de setim fulgurante rôxo rosado de que é feita a calça.

JOCKEY — Setim branco e varias applicações de velludo de côres na blusa; botas de verniz encarnado.

ALDEÃ HOLLANDEZA — Setim azul e setim branco guarnecido de quadrados azues.

ALDEÃ ROCOCO' — Saia listrada, blusa de taffetas azul hortensia, fitas rosa vivo, peitilho de linho.

MONTENEGRITA — Camiseta de linho, bolero e cinto de velludo rosado quente, calça de lã rôxo rosado.

CORINGA — Bolero, saia em petalas, manga e chapéo de velludo salmon, e blusa de crêpe da China branco.

PIERROT — Casaco e calça amplos, de seda brilhante marfim, laço, faixa e chapéo de setim preto.

VENEZIANA DO SECULO XVII — "Lamé" amarello bordado a côres sobre musselina cinza prata.

ARLEQUIM — Blusa de crêpe da China branco e laços de velludo preto. Calça de setim muito justa e de quadrados de varias côres.

TYROLEZ — Saia e blusa de taffetas verde folha, bolero de "drap" de flanella quadriculado, saia de "drap" branco e guarnições applicadas.

APACHE — Jaqueta de "drap" escuro, blusa vermelha, saia plissada côr de havana.

BOLA DE NEVE — Vestido de setim branco e pompons de seda, de pluma, ou ainda de pello branco innumeros nas extremidades das tiras que guarnecem a saia, e alguns no corpete e no toucado.

JARDINEIRA — Góla e "plastron" de linho branco, collete de setim azul de louça, saia branca com bolas azues e avental branco.

NO INSTITUTO DE MUSICA

L. T. N.

Aqui está uma creatura a quem Deus concedeu uma intelligencia acima do vulgar e um espirito lucido e fino.

Não é bonita e é ella a primeira que sabe disso. Não tem a respeito a minima illusão. E não tem tambem nem tristeza nem raiva por ter sido desfavorecida da natureza. Outra que "não se enxergasse" viveria a gabar-se a si mesma. Ella, não! E' frequente ouvil-a dizer:

— Que creaturinha bonita! Ou ella, ou eu!...

Pinta-se, por pintar-se. O "rouge" não lhe altera a physionomia; o "baton" não lhe embelleza a bocca. O pó de arroz não lhe melhora a pelle aspera.

Em compensação, é uma intelligencia acima do vulgar e um espirito não commum em creaturas do seu sexo e de sua idade...

Como não é bonita, nunca se preoccupou com "flirts" nem namorados. Como, porém, tem fama de moça rica, não lhe tem faltado "coiós" para lhe fazer pé de alferes...

Ella, entretanto, sabe muito bem distinguir.

A sua fama de moça rica tem-lhe valido algumas boas declarações de amor dos jaburús da terra, porém, ella não tem cahido...

Contam um facto que, por ser realmente interessante, vou aqui reproduzir. A L., depois de se haver defendido de dois pretendentes, encontrou um terceiro, que não a deixava em paz. Por infelicidade do rapaz, porém, ella não tinha por elle a minima sympathia. Repellia-o em toda a linha, mas repellia-o com uma distincção que o pobre pretendente não se podia sequer magoar. Isso, porém, teve um fim. Foi no dia em que o rapaz, vendo que nada conseguia com as suas indirectas, apanhou-a de surpresa, ao sahir do Instituto e fez-lhe uma declaração de amor em regra. Para terminar, disse-lhe:

— Se você quizesse casar-se commigo, eu seria capaz de passar o resto da vida ajoelhado a seus pés!

A L., entretanto, não se commoveu. E, com a sua risadinha fresca de cantora, estendeu-lhe a mão, despedindo-se e dizendo-lhe estas palavras:

— E eu, que ficaria fazendo durante esse tempo todo?...

SUA CUTIS SE HA EMMURCHECIDO ?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que pódem exhibir uma cutis perfeita. Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda a dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma joven de vinte annos. O que occorre é que á medida que passam os annos a cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle; é preciso fazel-a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, Cêra Mercolized. Esta substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está á espera de ser trazida á superficie. E nisto consiste o segredo do "porque" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema. Por que não faz tambem a prova ?

PODE-SE CORAR O ROSTO SEM ROUGE ?

(Da Revista "Woman Beautiful")

Indubitavelmente, um pouco de côr nas faces senta bem a quasi todas as mulheres. Mas a cor natural e rara e facilmente desapparece por qualquer indisposição ou a menor fadiga. O rouge damnifica, a cutis e além disso sempre se faz notar. Se as suas faces não são rosadas naturalmente, prove o effeito que lhes produz o carmino em pó: põe em um rosto pallido um delicado toque de côr que não se póde distinguir do natural. E' absolutamente inoffensivo para a cutis. Quasi todas as pharmacias e perfumarias podem vender-lhe um pouco de carmino em pó.

Uma aventura vivida

(FIM)

compositor de todos os successos do anno. E desde então é sempre a mesma coisa: quando se ouve uma canção americana de successo, já se sabe, na certa que é de Irving Berlin.

Imaginamos o esforço enorme e a luta das differentes casas editoras da America, para lançarem as canções. Tratam primeiro de conseguir que sejam decoradas pelos innumeros actores de Music-hall que deverão espalhal-as atravez do paiz. Umas são logo adoptadas por elles e pelo publico. Das muito cantadas, vendem-se centenas de milhares de exemplares e deixam centenas de milhares de dollars de lucro.

Irving Berlin, vendo o enorme resultado dos editores, resolveu editar, elle proprio, as suas obras e as de alguns concorrentes. E retira nisso um modesto meio milhão de dollars por anno.

Os seus direitos de autor (edições, discos, music-hall e estrangeiro) dão outro meio milhão.

De algum tempo para cá, Irving Berlin apresenta as suas canções, dentro de grandes revistas, montadas com um luxo surprehendente.

Construiu até um theatro, o Music-Box. Do theatro lhe vem outro meio milhão.

E's, pois, o filho de emigrantes, ganhando um milhão e meio de dollars por anno, como justo premio do seu incontestavel genio inventivo. Mal arranha o piano, quasi sempre com um só dedo, ignora o solfejo e a harmonia, e sem duvida ignorará sempre; mas, dos ancestraes do Oriente, guarda uma nostalgia soberana e commovedora, que fazem delle um artista emotivo, que fala ao coração das mulheres e das multidões; é, nos Estados Unidos, uma especie de Massenet do "jazz", o mais sentimental dos trovadores americanos.

Não tem nada do musico erudito, sem querer, sem forçar, continúa sendo o interprete natural e directo do povo americano: Gershwyn é um verdadeiro musico, Aoumans é, talvez, ainda mais habilidoso do que Gershwyn, mas, nem um nem outro possuem esse dom da inspiração fluente como manancial, esse senso innato da melodia, que faz com que uma canção de Irving Berlin, ouvida duas vezes, nunca mais seja esquecida.

Embora o sensacional renome que o tornou grande "vedette" de New York, Irving Berlin conserva os seus habitos nocturnos, a meia preguiça (soffre quando recebe encommendas de trabalhos) ou antes, a indolencia dos orientaes. Prefere as areias quentes das praias, onde se póde sonhar e preguiçar, a um gabinete de trabalho perfeito...

Irving Berlin juntou ao seu triumpho de compositor o mais formidavel successo mundano: raptou-a e casou-se com a filha de um milhardario americano, do mais severo catholicismo. Esse acto não foi resultante de um accesso de snobismo, foi apenas, como todas as suas canções, uma explosão de sentimento.

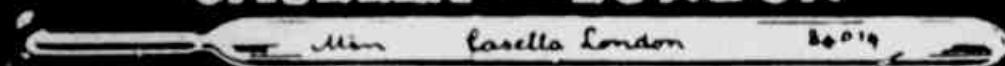
LOUIS THOMAS.

"O Malho" publica semanalmente em suas paginas as mais interessantes e formidaveis narrativas de quantas concorreram ao Grande Concurso de Contos Tragicos instituido pela "A Ordem" — o popular matutino carioca.

Publicados em primeira mão e completamente ineditos, esses contos impressionantes e de grande emoção, de autoria dos maiores nomes na nova literatura do paiz, são illustrados competentemente por diversos artistas, sendo, portanto, para o leitor o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

Inscrevei-vos na CRUZADA PELA EDUCAÇÃO

ENSINANDO A LER E ESCREVER A TODOS QUE COMVOSCO VIVEM E TRABALHAM

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

PARA TODOS...

Um livro de originalidade e belleza...

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS !

■

TRICHROMIAS EM QUE A ARTE RIVALIZA COM A BELLEZA...

■

O MAIS LUXUOSO ANNUARIO DO BRASIL

■

PREÇO NO RIO:

8$000

Thelma Todd
e outras louras que entontecem numa edição de luxo.

TODO O ELENCO CINEMATOGRAPHICO BRASILEIRO !

■

DEZENAS DE PHOTOGRAPHIAS COLORIDAS E EM GRANDE FORMATO...

■

ESGOTADO EM 5 ANNOS SEGUIDOS

■

PREÇO NOS ESTADOS:

9$000

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

Se não ha jornaleiro em sua terra, envie-nos immediatamente 9$000 em dinheiro, em carta com valor declarado, cheque, vale postal, ou em sellos do correio, para que lhe remettamos um exemplar desta publicação sem igual.

A' venda em todos os jornaleiros

Pedidos á

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Travessa do Ouvidor, 21 Rio de Janeiro

Officinas Graphicas d'O MALHO